

**MESTRADO**  
PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

# **Educação sexual, sexualidade e a série** ***Sex Education*: Estudo qualitativo**

Carla Patrícia Marques Jaques

**M**

2022



FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**Educação, sexualidade e a série *Sex Education*: Um estudo  
qualitativo**

**Carla Patrícia Marques Jaques**

outubro, 2022

Dissertação apresentada no Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor Cidália Duarte (FPCEUP).

## **AVISOS LEGAIS**

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## AGRADECIMENTOS

*O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza dos seus sonhos.*

Eleanor Roosevelt

Quero agradecer a todos aqueles que, juntamente comigo, acreditaram na realização deste trabalho e me apoiaram na concretização do mesmo:

*À professora Cidália,*

por ter alinhado comigo na realização desta tese e ter-me guiado na sua realização, sempre disposta a ajudar e a ouvir as minhas inquietações.

*À Dra. Ana Cristina,*

por ter colaborado durante todo o processo deste estudo e estar sempre disposta a ajudar. Um grande obrigada!

*Aos participantes,*

por tão prontamente terem aceite o meu desafio e se disponibilizarem a ajudar em tudo o que fosse necessário.

*À minha Jé,*

por me acompanhar nesta caminhada e estar sempre disposta a ajudar-me com o meu calcanhar de Aquiles, as traduções!

*À minha família,*

pelo carinho, apoio e incentivo com que me acompanharam ao longo destes meses. Obrigada por acreditem desde o início que seria capaz.

*Aos meus pais,*

agradeço por me terem dado a oportunidade de seguir os meus estudos, por acreditarem em mim e estarem sempre disponíveis para me ouvir e ajudar. A ti *mãe*, obrigada por seres uma força da natureza e lutares todos os dias para ficares connosco o maior tempo possível. Obrigada pelas tuas sábias palavras e pelo teu colo nos momentos mais difíceis.

*Ao meu Hugo,*

agradeço por seres o meu porto seguro e me mostrares que amar e ser amado é das melhores coisas da vida. Obrigada pela tua paciência, pelo teu incentivo, pelo teu colo e, principalmente, pelo teu amor.

## RESUMO

A educação sexual (ES) é uma temática na qual cada vez mais é visível o aumento de investigação e, quando esta é feita com qualidade, faz com que os jovens iniciem relações sexuais mais tardiamente e tenham um comportamento sexual mais responsável. A utilização de meios de comunicação, ou *media* na língua inglesa, pela população adolescente vem igualmente aumentando na última década. Para além de outros fins, os jovens utilizam estes meios como forma de obter informações sobre sexualidade. De facto, os *media* podem ter um papel nos processos de aprendizagem e ES dos jovens, além de influenciarem os seus comportamentos, perceções e atitudes sexuais. Deste modo, este estudo tem como estímulo a série *Sex Education*, produzida pela plataforma de *streaming Netflix*, e tem como propósito 1) compreender a representação da sexualidade e ES para os jovens e profissionais; 2) perceber as suas perspetivas sobre o impacto da série *Sex Education* nos jovens; e 3) explorar a *Sex Education* como um recurso pedagógico para a ES. Para tal, optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa através da realização de entrevistas com jovens e profissionais residentes na Ilha da Madeira. Os resultados mostram que a sexualidade é um tema que vem sendo pouco refletido pelos jovens e que ainda é considerado tabu na sociedade portuguesa. Para os participantes, a ES é vista como importante nos dias correntes, mas associa-se exclusivamente a aulas formais e estruturas que abordam os temas da sexualidade. Ademais, a ES realizada em meio escolar continua a tratar maioritariamente temas relativos à biologia humana e aos riscos da atividade sexual, mostrando não incluir uma vertente positiva da sexualidade e ficar aquém das necessidades e interesses dos jovens. Por fim, a série *Sex Education* mostrou ser um ótimo recurso pedagógico a ser utilizado por diversos profissionais na realização de ES com adolescentes, por esta produção ser descrita como educativa e realista e abordar a sexualidade de uma forma leve e livre de preconceitos. Além disto, os jovens referiram que a série se torna uma forma dinâmica e lúdica de aprenderem. Assim, torna-se importante que profissionais, em especial professores, adotem novas estratégias baseadas nos meios de comunicação como forma de transmitirem conhecimentos sobre sexualidade aos mais novos.

**Palavras-chave:** educação sexual; sexualidade; *Sex Education*; meios de comunicação; impacto dos *media* na educação sexual.

## ABSTRACT

Sex education (SE) is a subject in which more and more research is being done and, when it is performed with quality, it makes young people initiate sexual relations at later ages and have a more responsible sexual behavior. The use of the media by the teenage population has also increased in the last decade. In addition to other purposes, young people use these media to obtain information about sexuality. In fact, the media can play a role in young people's learning and ES processes, as well as influence their sexual behaviors, perceptions and attitudes. Thus, this study has as its stimulus the series “Sex Education”, produced by the streaming platform Netflix, and aims to 1) understand the representation of sexuality and sex education for young people and professionals; 2) understand their perspectives on the impact of the series “Sex Education” on young people; and 3) explore “Sex Education” as an educational resource for SE. To this end, a qualitative methodological approach was chosen through interviews with young people and professionals living in Madeira Island. The results show that sexuality is a subject that has been little reflected upon by young people and is still considered taboo in the Portuguese society. For the participants, SE is seen as important nowadays, but it is associated exclusively with formal classes and structures that address the themes of sexuality. Furthermore, the SE carried out in schools continues to deal mostly with themes related to human biology and the risks of sexual activity, showing that it does not include a positive dimension of sexuality and falls short of the needs and interests of young people. Finally, the “Sex Education” series proved to be an excellent educational resource to be used by several professionals in the implementation of SE with adolescents, because this production is described as educational and realistic, with the ability to approach sexuality in a light and unprejudiced way. In addition, young people reported that the series becomes a dynamic and playful way for them to learn. Thus, it is important that professionals, especially teachers, adopt new strategies based on the media as a way to convey knowledge about sexuality to young people.

**Key-words:** sexuality; sexuality education; “Sex Education”; media; impact of media on sex education.

## RÉSUMÉ

L'éducation sexuelle (ES) est un thème dans lequel l'augmentation de la recherche est de plus en plus visible et, lorsqu'elle est faite avec qualité, elle fait que les jeunes initient les relations sexuelles plus tard et ont un comportement sexuel plus responsable. L'utilisation des médias par la population adolescente a également augmenté au cours de la dernière décennie. En plus d'autres objectifs, les jeunes utilisent ces médias comme moyen d'obtenir des informations sur la sexualité. En fait, les médias peuvent jouer un rôle dans les processus d'apprentissage et d'ES des jeunes, ainsi qu'influencer leurs comportements, perceptions et attitudes sexuels. Ainsi, cette étude prend comme stimulus la série *Sex Education*, produite par la plateforme de *streaming Netflix*, et vise à 1) comprendre la représentation de la sexualité et des SE pour les jeunes et les professionnels; 2) comprendre leurs perspectives sur l'impact de la série *Sex Education* sur les jeunes; et 3) explorer *Sex Education* comme ressource pédagogique pour les ES. À cette fin, une approche méthodologique qualitative a été choisie par le biais d'entretiens avec des jeunes et des professionnels vivant sur l'île de Madère. Les résultats montrent que la sexualité est un sujet auquel les jeunes ont peu réfléchi et qui est encore considéré comme tabou dans la société portugaise. Pour les participants, l'ES est considérée comme importante de nos jours, mais elle est associée exclusivement aux classes et structures formelles qui abordent les thèmes de la sexualité. En outre, les ES réalisées dans les écoles continuent de traiter principalement des thèmes liés à la biologie humaine et aux risques de l'activité sexuelle, ce qui montre qu'elles n'incluent pas un aspect positif de la sexualité et ne répondent pas aux besoins et aux intérêts des jeunes. Enfin, la série *Sex Education* s'est avérée être une excellente ressource pédagogique à utiliser par les différents professionnels dans la mise en œuvre de l'ES avec les adolescents, car cette production est décrite comme éducative et réaliste et aborde la sexualité de manière légère et sans préjugés. En outre, les jeunes ont mentionné que la série devient pour eux un moyen dynamique et ludique d'apprendre. Il est donc important que les professionnels, en particulier les enseignants, adoptent de nouvelles stratégies basées sur les médias comme moyen de transmettre aux jeunes des connaissances sur la sexualité.

**Mots clés:** éducation sexuelle ; sexualité ; "Sex Education" ; médias ; impact des médias sur l'éducation sexuelle.



## ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 1  |
| <b>CAPÍTULO I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....                                    | 1  |
| 1.1. A educação sexual .....  | 1  |
| 1.1.1. <i>História</i> .....  | 4  |
| 1.1.2. <i>Modelos, abordagens e paradigmas</i> .....                              | 5  |
| 1.2. A sexualidade no adolescente.....  | 7  |
| 1.3. O impacto dos meios de comunicação na educação sexual dos adolescentes ..... | 10 |
| 1.4. Estudos sobre a série <i>Sex Education</i> .....                             | 13 |
| <b>CAPÍTULO II – METODOLOGIA</b> .....  | 15 |
| 2.1. Enquadramento metodológico do estudo .....                                   | 16 |
| 2.2. Método .....   | 16 |
| 2.2.1. <i>Participantes</i> .....   | 16 |
| 2.2.2. <i>Procedimento de recolha da informação: Entrevistas</i> .....            | 18 |
| 2.2.3. <i>Procedimento de tratamento da informação: Análise de conteúdo</i> ..... | 19 |
| 2.3. Breve contextualização da série <i>Sex Education</i> .....                   | 20 |
| <b>CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....                 | 21 |
| 3.1. Sexualidade e educação sexual .....  | 21 |
| 3.2. Expectativas e experiências sobre a série <i>Sex Education</i> .....         | 27 |
| 3.3. Impacto da série <i>Sex Education</i> nos jovens.....                        | 29 |
| 3.4. Utilização da série <i>Sex Education</i> na intervenção com jovens.....      | 37 |
| <b>CONCLUSÕES</b> .....   | 41 |
| Limitações do estudo e sugestões para futuras investigações .....                 | 45 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 46 |
| <b>ANEXOS</b> .....   | 57 |

## ÍNDICE DE ANEXOS

|  |    |
|--|----|
| <b>Anexo 1</b> - Guião de entrevista com jovens .....                  | 57 |
| <b>Anexo 2</b> – Guião de entrevista com profissionais .....           | 61 |
| <b>Anexo 3</b> – Consentimento para participação em investigação ..... | 64 |

## ÍNDICE DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| <b>Quadro 1</b> – Caracterização dos jovens .....             | 17 |
| <b>Quadro 2</b> – Caracterização das profissionais .....      | 17 |
| <b>Quadro 3</b> – Sistema de categorias e subcategorias ..... | 19 |

## ABREVIATURAS

BZgA - *Federal Centre for Health Education (in english)*

DST – Doença Sexualmente Transmissível

ES – Educação Sexual

ESA – Educação para a Sexualidade e Afetos

GTES - Grupo de Trabalho de Educação Sexual

IST – Infecção Sexualmente Transmissível

LGBTI - *Lesbian, gay, bisexual, transgender and intersex*

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização Não Governamental

SAFE - *Sexual Awareness For Europe*

UNESCO - *The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*

VIH - Vírus da Imunodeficiência Humana

## INTRODUÇÃO

Segundo Moran (2007, cit in Santos et al., 2020) as tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam e medeiam o nosso conhecimento sobre o mesmo. Como evidenciam os estudos, a utilização dos meios de comunicação por parte dos adolescentes aumentou exponencialmente na última década (Prinstein et al., 2020). Além de servirem como fontes de entretenimento, os mais jovens utilizam-nos também para obterem informações relacionadas com saúde sexual e sexualidade (McKee, 2012; Smith et al., 2016). A ES escolar ao se focar numa vertente biológica e de risco e a não ter em conta as necessidades e curiosidades dos jovens (BZgA/IPPF, 2018; Leite, 2020; Rocha & Duarte, 2015) faz, de facto, com que os alunos recorram às tecnologias para sanar as suas dúvidas (Nikkelen et al., 2020). Ademais, estes meios, e em particular as séries, tornam visíveis questões complexas e significativas, “sendo capazes de contextualizar ou denunciar situações que podem ser temas de debate na sociedade” (Gil-Quintana & Gil-Tévar, 2020, p.67). Deste modo, torna-se relevante perceber o impacto que os *media* têm nos jovens e de que forma estes meios podem colmatar as necessidades de conhecimentos sobre sexualidade e servir como potenciais aliados na realização de ES. Assim, no Capítulo I, é apresentado o enquadramento teórico onde, primeiramente, é abordada a ES, incluindo a sua história, modelos, abordagens e paradigmas. Posteriormente, segue-se a sexualidade no adolescente, terminando com o impacto dos meios de comunicação na ES dos adolescentes e estudos sobre a série *Sex Education*. Passando ao capítulo II, este centra-se na explicação de todo o processo metodológico inerente a este estudo, incluindo uma breve descrição da série *Sex Education*. Por fim, no terceiro e último capítulo, apresenta-se e analisa-se os resultados da investigação, terminando com as conclusões, onde se incluem as limitações e sugestões para futuros estudos.

## CAPÍTULO I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1.1. A educação sexual

A ES é uma temática na qual cada vez mais é visível o aumento de investigação (Rocha et al., 2016). Apesar disso, ainda é notória a dificuldade em definir o termo a utilizar quando

nos queremos referir a ensinar os jovens e demais indivíduos sobre sexo e sexualidade. Por esta razão, vemos mencionadas diversas expressões como “educação para a vida familiar”, “educação para a sexualidade”, “educação para a saúde” ou ainda “educação sexual e de relações” (BZgA/IPPF, 2018; Loeber et al., 2010). Neste trabalho, optou-se pelo termo “educação sexual” que, na visão do Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES, 2007, p.7) se refere ao “processo pelo qual se obtém informação e se formam atitudes e crenças acerca da sexualidade e do comportamento sexual”. Já segundo a Organização Mundial da Saúde ou *World Health Organization* (WHO/BZgA, 2010), esta diz respeito ao aprender sobre os aspetos físicos, interativos, cognitivos, sociais e emocionais da sexualidade, tendo por base os direitos humanos internacionalmente aceites, em especial o direito ao conhecimento. A Carta de Aveiro, desenvolvida no I Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual, em 2010, acrescenta ainda que a ES deve “ser integral, abrangente, bem informada e cientificamente fundamentada, adequada à idade” e “culturalmente relevante” (Maia & Ribeiro, 2011, p.81). É de notar que esta não se restringe apenas ao período da adolescência, onde é associada maioritariamente e, de facto, bastante relevante, mas inicia-se desde o nascimento e está presente durante toda a nossa vida, uma vez ser um processo permanente e contínuo de aprendizagem e de socialização (Ketting et al., 2016; Matos et al., 2014; WHO/BZgA, 2010).

Deste modo, a ES objetiva o desenvolvimento de competências que permitam aos indivíduos escolhas seguras e informadas na área da sexualidade; a melhoria dos seus relacionamentos afetivo-sexuais; a redução de possíveis consequências negativas advindas dos comportamentos sexuais, como infeções sexualmente transmissíveis (IST’s) e gravidezes não desejadas e a capacidade dos sujeitos se protegerem e não serem perpetradores/vítimas de exploração e abusos sexuais (GTES, 2007; Loeber et al., 2010; Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO], 2019). É relevante que, além destes objetivos, a ES seja implementada com o intuito de promover o pensamento crítico, a capacidade de comunicação, a tolerância, a compreensão e o respeito pela diversidade sexual, tendo como último fim auxiliar a que as pessoas vivam de forma positiva a sua sexualidade (Loeber et al., 2010; Sánchez, 2005; WHO/BZgA, 2010). De facto, os programas de ES revelam ter um efeito positivo na vida dos sujeitos (UNESCO, 2020). Numa meta-análise que reviu 83 estudos que incluíam diversos grupos jovens, países e culturas, conclui-se que dois terços dos programas melhoraram significativamente um ou vários comportamentos sexuais (Loeber et al., 2010).

Além disto, a participação nestes programas não acelerou ou aumentou os comportamentos sexuais, pelo contrário, alguns deles até os atrasaram ou diminuíram, aumentando ainda o uso de preservativos ou contraceptivos (Loeber et al., 2010), o que se encontra de acordo com a publicação da UNESCO (2019). Também o European Expert Group on Sexuality Education (2016) reforça a ideia de que uma ES de boa qualidade faz com que os jovens iniciem relações sexuais mais tardiamente e tenham um comportamento sexual mais responsável. Em relação a Portugal, estes pressupostos são também verdadeiros, pois diversos estudos mostram que ter acesso a serviços de saúde e informação correta, desenvolver competências ao nível da prevenção e a existência de programas de ES “podem estabelecer a diferença entre atitudes responsáveis e atitudes comprometedoras no futuro” (Dias & Matos, 2013, p.56). Assim, tendo em conta a definição de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), que a conceptualiza como “(...) um estado de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença e deficiência (...)” (WHO, 1985, p.27), podemos perceber que a ES está integrada na educação para a saúde, uma vez contribuir para o bem-estar dos cidadãos, mais especificamente para a saúde sexual dos mesmos. Esta, semelhantemente à definição de saúde, é vista como “um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social em relação à sexualidade” não se restringindo apenas à ausência de doença, enfermidade ou disfunção (WHO/BZgA, 2010, p.17).

A educação para a saúde é um trabalho de todos e, por isso, também a ES é e deve ser veiculada através de diversas fontes como familiares, instituições, centros de saúde e centros recreativos, que podem ser classificados como fontes formais ou informais de informação (Loeber et al., 2010; Rocha & Duarte, 2011; Sánchez, 2005). Os agentes de socialização informais referem-se, por exemplo, aos pais e demais familiares, aos meios de comunicação, aos amigos e colegas (Dias & Matos, 2013; Loeber et al., 2010). Já os agentes formais incluem as escolas, os serviços de saúde e outras organizações da comunidade (Dias & Matos, 2013) que têm uma forma ativa de ensinar e informar, contribuindo para que se normalize o tema e a comunicação sobre sexualidade (WHO/BZgA, 2010). Embora as crianças e adolescentes possam aprender sobre relações humanas, amor e sexualidade com os seus amigos e familiares, muitas vezes estes não possuem as competências e conhecimentos necessários sobre informações mais técnicas e complexas como, por exemplo, a propagação de IST's ou métodos contraceptivos. Além disto, muitos púberes preferem abordar estes temas com outras fontes que não os seus pais uma vez os considerarem demasiado próximos. Deste modo, é de salientar que

as fontes formais e informais não são opostas, mas sim complementares e, por isso, os jovens necessitam de ambas (WHO/BZgA, 2010). Ademais, é importante termos em conta que, independentemente do contexto, a educação para a sexualidade é feita em todos os momentos, embora de forma inconsciente, quer seja por meio de palavras, do silêncio ou pelo comportamento relativamente a esta (Rocha & Duarte, 2011).

### ***1.1.1. História***

A ES tornou-se uma necessidade tendo em conta diversos acontecimentos que decorreram nas últimas décadas. A globalização e migração de diferentes grupos culturais e religiosos; a célere disseminação de novos meios de comunicação (destacando a *internet* e os *smartphones*); o surgimento do Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH); a preocupação com o abuso sexual de crianças e adolescentes; a preocupação com as IST's; a infertilidade; o aborto e, por último, a alteração de atitudes em relação à sexualidade assim como a mudança de comportamento sexual entre os jovens fizeram com que a ES começasse a ser mais valorizada e implementada nas escolas (European Expert Group on Sexuality Education, 2016; WHO/BZgA, 2010). A Suécia, em 1955, foi o primeiro país europeu a tornar obrigatória a ES em contexto escolar. Após este, outros países da Europa Ocidental seguiram o seu exemplo nas décadas de 1970 e 1980, como a Alemanha e a Áustria. Já entre as décadas de 1990 e 2000, entre outros, foi a vez da França e Reino Unido e posteriormente dos países do Sul da Europa, como Portugal e Espanha. Na Europa Central e Oriental, esta medida só foi implementada após a queda do comunismo, sendo a ES como é entendida atualmente posta em prática nas escolas 20 ou 30 anos mais tarde em relação aos países da Europa Ocidental (Ketting & Winkelmann, 2013; WHO/BZgA, 2010). No continente europeu, a experiência da ES tem sido bastante positiva, pois a sua implementação tem-se traduzido em baixas taxas de gravidez e de IST's na adolescência (Ketting & Winkelmann, 2013).

No que respeita a Portugal, a primeira lei sobre ES e planeamento familiar foi aprovada em 1984 e a ES foi tornada obrigatória nas escolas em 1997 (Ramiro et al., 2011; Rocha & Duarte, 2015). Entre 1995 e 1998 foi criado o projeto “Educação Sexual e Promoção da Saúde nas Escolas – Um Projeto Experimental”, que tinha como objetivo a sua generalização gradual a todas as escolas do país, mas tal não se concretizou devido à pressão exercida por grupos conservadores. No ano de 2000, foram produzidas as linhas orientadoras da ES em meio escolar

pelos Ministérios da Educação e da Saúde (Ramiro et al., 2011; Rocha & Duarte, 2015). Já em 2005, surgiu o GATES, através do Despacho n.º 19 737/2005 de 15 de junho, que definiu que a ES integraria um programa de promoção para a saúde (Matos et al., 2014). Tendo em contra o trabalho do mesmo, foi promulgada a lei que se encontra atualmente em vigor (Lei n.º60/2009; Portaria n.º 196-a/2010) que entende a ES como constituinte integral da educação em saúde. Esta, além de contemplar a obrigatoriedade da ES em meio escolar desde o primeiro ano do ensino básico até ao ensino secundário, também define os conteúdos e objetivos de aprendizagem, bem como a carga horária mínima, tendo em conta o nível de ensino e idade dos estudantes (Diário da República, 2009; Diário da República, 2010). Esta lei recomenda ainda que cada agrupamento escolar defina um professor coordenador da sua equipa; que a ES seja lecionada de forma transdisciplinar; que os pais participem na sua preparação, implementação e avaliação; e que sejam estabelecidas parcerias com as organizações não governamentais (ONG's). Além disto, é exigida uma supervisão e avaliação regular pelo Ministério da Educação (Diário da República, 2009; Diário da República, 2010). Embora, em termos gerais, esta lei vá ao encontro das diretrizes de organizações internacionais, tenha revelado um impacto positivo e a sociedade portuguesa se tenha tornado mais aberta e tolerante no que ao tema da sexualidade diz respeito, a ES no nosso país revela ainda muitas lacunas: os pais continuam a não participar ativamente nesta temática, a avaliação realizada pelo Ministério realizou-se tardiamente e não avaliou os efeitos da ES, a avaliação realizada pelos estabelecimentos escolares centra-se apenas no cumprimento da lei, não avaliando os efeitos da ES, e o ensino interdisciplinar apresenta algumas dificuldades além de focar-se em questões relacionadas com a saúde e numa visão maioritariamente negativa (Dias & Matos, 2013; Matos et al., 2014; Rocha & Duarte, 2015; Rocha et al., 2016). Isto mostra que Portugal ainda tem um longo caminho a percorrer no que toca aos conteúdos, implementação e avaliação da ES em meio escolar.

### ***1.1.2. Modelos, abordagens e paradigmas***

Quando queremos criar um programa de ES temos de ter primeiramente em conta o modelo no qual ele se irá fundamentar. Isto é revelante pois cada modelo tem uma visão diferente acerca da sexualidade, o que irá influenciar os objetivos e os conteúdos a serem abordados. Segundo Sánchez (2005), existem quatro modelos nos quais a ES se pode basear, sendo eles o modelo moral, o modelo de riscos, o modelo revolucionário e o modelo biográfico

e profissional. O primeiro baseia-se nas doutrinas religiosas e tem como objetivo que os adolescentes renunciem aos prazeres sexuais e se mantenham castos até ao casamento, dando origem aos programas de intervenção classificados como “*Abstinence Only*” (Grasso & Trumbullb, 2021; Rocha, 2015; Rocha et al., 2021; Sánchez, 2005). Nesta visão conservadora, a atividade sexual só é legítima dentro do matrimónio heterossexual e por isso carece de sentido abordar os temas da sexualidade junto de crianças e jovens. Ao invés, este modelo informa apenas sobre questões da reprodução humana e criação dos filhos. Assim, este revela-se demasiado rígido ao impor as suas crenças e não deixar espaço para a reflexão e para a diferença. Além disto, nega a sexualidade às minorias étnicas, não contribuindo para que estas vivam a sua sexualidade de forma satisfatória (Sánchez, 2005). O modelo de riscos, por sua vez, tem como objetivo que se evitem os problemas sociais e de saúde pública que a atividade sexual pode acarretar, abordando as práticas sexuais de risco e as práticas sexuais seguras, o que corresponde aos programas denominados como “*Comprehensive Sexuality*” (Grasso & Trumbullb, 2021; Rocha, 2015; Rocha et al., 2021; Sánchez, 2005). Apesar desta informação ser importante, esta abordagem acaba por associar a sexualidade a perigo e não ajuda a que as pessoas a vivam de forma positiva, revelando-se, por isso, uma forma de intervenção insuficiente (Sánchez, 2005). O terceiro modelo, o revolucionário, tem em vista alterar a vida sexual dos indivíduos e a sociedade. Ele reconhece o direito à sexualidade de todos os cidadãos, inclusive minorias, e separa a atividade sexual do matrimónio. Apesar destas ideias serem aceites pela maioria da população, este modelo recorre, com frequência, a crenças infundadas sobre sexualidade e não deixa espaço para que cada indivíduo decida como quer viver a sua sexualidade (Sánchez, 2005). Por último, o modelo biográfico e profissional incorpora os aspetos positivos dos três modelos abordados anteriormente e oferece uma visão positiva da sexualidade, correspondendo, de certo modo, às abordagens de intervenção designados como “*Holistic Sexuality Education*” (Ketting et al., 2016; Rocha, 2015; Rocha et al., 2021; Sánchez, 2005). Ele baseia-se no pressuposto de que há diferentes formas legítimas e compatíveis com a saúde de cada indivíduo usufruir da sua sexualidade. Com base nisto, este modelo tem então como objetivo auxiliar os sujeitos a viverem a sua biografia sexual de forma satisfatória e salutar, ao defender valores como a tolerância e a diversidade (Sánchez, 2005). Segundo Rocha (2015), estes quatro modelos abordados podem ser integrados em dois paradigmas distintos da educação para a saúde: o modelo moral e o modelo de risco no paradigma moralista e o modelo revolucionário e o modelo biográfico e



profissional no paradigma democrático (Jensen, 1997). O paradigma moralista orienta-se para a doença e utiliza o professor como um modelo a seguir. Este caracteriza-se como um paradigma totalitário, não permitindo aos alunos expressarem os seus pensamentos e decisões acerca dos conceitos de saúde e tem como objetivo alterar os comportamentos dos sujeitos através de todos os meios possíveis. Além disto, foca-se apenas nos estilos de vida dos cidadãos, deixando de parte variáveis ambientais e sociais que têm impacto sobre a saúde. Deste modo, pode-se observar que este paradigma não se encontra de acordo com a definição de saúde da OMS, que a define como um estado de bem-estar e não apenas a ausência de doenças (Jensen, 1997). Pelo contrário, o paradigma democrático faz jus a esta definição e vê a saúde como um conceito holístico e aberto. Assim, ele não separa a saúde do meio ambiente, mostrando que esta é influenciada tanto pelas condições de vida como pelo estilo de vida. O seu objetivo é dar aos indivíduos competências que lhes permitam agir e tomar decisões informadas, sendo, ao contrário do paradigma anterior, valorizada a postura ativa e participativa dos mesmos (Jensen, 1997).

## **1.2. A sexualidade no adolescente**

A sexualidade é uma componente do ser humano que não se restringe à função reprodutora e tem um peso importante no bem-estar dos indivíduos, nomeadamente no seu equilíbrio físico e psicológico (APF, 2021a; Sánchez, 2005). Segundo o GTES (2007, p.12), a sexualidade é vista como “um longo processo de maturação física e psicológica, organizado a partir de uma evolução interna e construído na relação com os elementos significativos do universo relacional de cada indivíduo”. Esta engloba a reprodução, a intimidade, o prazer, o erotismo, o sexo, a orientação sexual e as identidades e papéis de género e pode ser experimentada e expressa através de crenças, desejos, fantasias, pensamentos, comportamentos, valores, atitudes, relações, práticas e papéis (WHO/BZgA, 2010). Deste modo, a sexualidade é uma dimensão que é influenciada por fatores biológicos, sociais, psicológicos, éticos, políticos, económicos, históricos, espirituais, religiosos e legais (UNESCO, 2019). Ela não se limita a certas faixas etárias, pelo contrário, nasce connosco e acompanha-nos durante toda a vida, embora de maneiras diferentes, consoante a idade e fase de desenvolvimento de cada sujeito, através do processo psicosexual (APF, 2021b; WHO/BZgA, 2010). O modo como os pais lidam com a sexualidade e a individuação do adolescente tem impacto neste processo,

nomeadamente na forma como o filho irá lidar com a sua sexualidade e autonomização (Rocha & Duarte, 2011). Ademais, o modo como a criança viveu a infância e os seus cuidadores abordaram os temas da sexualidade nesse período têm influência na evolução dos comportamentos sexuais na adolescência (UNESCO, 2020). Os exemplos dos familiares, a forma como abordam crenças e valores relativos à sexualidade, os comentários sobre notícias nos jornais e conteúdos acedidos através da *internet* ou da televisão são modelos e referências relevantes para alguém que está a fazer o seu percurso pessoal à procura da identidade e autonomia, só alcançadas no final da adolescência (GTES, 2007).

A puberdade dá início ao processo de desenvolvimento da adolescência que, segundo a OMS (WHO, 2014), corresponde ao período dos 10 aos 19 anos. Nesta fase, dão-se mudanças significativas a nível biológico, fisiológico e psicológico, como o aparecimento dos caracteres secundários e a intensificação da curiosidade sexual, sendo este período o auge da descoberta da sexualidade (APF, 2021b; GTES, 2007). A construção da identidade é a principal tarefa desenvolvimental da adolescência em termos psicossociais e, para que os adolescentes a consigam realizar com sucesso, ou seja, consigam saber quem são, o que desejam ser e fazer, quais as suas funções no mundo e qual o sentido da e para as suas vidas, necessitam que os limites familiares se flexibilizem. Assim, nesta etapa do desenvolvimento há uma reorganização dos laços afetivos, onde as relações com os pares assumem um papel de destaque como forma de os adolescentes lidarem com o conflito entre a dependência da infância e a construção da sua autonomia, permitindo que se desenvolvam rumo ao estabelecimento de uma relação íntima na fase adulta (Matos, 2002, cit in Rocha & Duarte, 2011). É, portanto, junto dos pares que os jovens, à medida que se vão tornando mais autónomos, se constroem como um “ser sexual” único. No entanto, a relação com os pais não deixa de ser importante. Pelo contrário, as figuras de vinculação continuam a ser a base segura que permite que o adolescente se explore a si, principalmente nas relações estabelecidas com os pares. Ademais, a relação do jovem com estas figuras influencia a forma como ele se irá relacionar com os outros, em especial com o par romântico, uma vez ser na relação com os cuidadores que vem desenvolvendo as suas competências interpessoais e estratégias de regulação emocional (Matos 2002, cit in Rocha & Duarte, 2011).

É nesta etapa desenvolvimental que os adolescentes estabelecem e redefinem a sua identidade sexual de forma mais estável, embora esta venha sendo construída desde o momento da concepção através do processo psicosexual. Ela inclui três componentes, nomeadamente a identidade de género, o papel de género e a orientação sexual, que se baseiam em fatores de ordem psicológica, biológica e sociocultural. A primeira experiência de relação sexual com penetração constitui um marco importante e é um passo relevante na conquista de autonomia dos adolescentes, pois permite que desenvolvam competências do ponto de vista interpessoal, sexual e social (GTES, 2007; Rocha & Duarte, 2011). Ademais, as relações românticas neste período não devem ser desvalorizadas, pois são relevantes para que os jovens se desenvolvam e estabeleçam no futuro relações compensatórias, profundas e verdadeiramente íntimas (Rocha & Duarte, 2011). Apesar de ser importante que os pais abordem estes e outros temas relacionados com a sexualidade, muitos deles assumem dificuldades em falar com os filhos adolescentes sobre estes assuntos (Gonçalves et al., 2013; Rocha & Duarte, 2011). No entanto, estas não surgem na adolescência, mas tornam-se mais evidentes neste período quando não foram estabelecidos padrões de comunicação adequados nas fases desenvolvimentais anteriores (Rocha & Duarte, 2011). A investigação tem mostrado que a comunicação entre pais e filhos na adolescência influencia o comportamento sexual dos últimos e, se for feita de forma adequada, os jovens têm comportamentos mais responsáveis, apresentam maior uso de contraceptivos, diminuem os comportamentos de risco, atrasam a estreia sexual e têm menos parceiros sexuais (Dias & Matos, 2013; Flores & Barroso, 2017; Rocha & Duarte, 2011).

Embora, atualmente, a sexualidade seja vista como um aspeto positivo e um potencial do ser humano, ao longo da história e ainda nos dias correntes, quando associada ao período da adolescência, ela é associada muitas vezes a uma ameaça à saúde dos cidadãos, principalmente devido às consequências negativas de gravidezes não desejadas e IST's. Cabe realçar que, apesar disto, graças à maior discussão sobre sexualidade e ao aumento do conhecimento científico, estes e outros riscos já podem ser precavidos (Gardner, 2015; Rocha & Duarte, 2011; WHO/BZgA, 2010). Assim, é importante que os adolescentes aprendam que têm o direito de ter biografias sexuais distintas e que a sociedade, a escola e os pais estão disponíveis para ajudá-los a vivê-las de forma saudável e sem riscos (Sánchez, 2005). Realça-se ainda que a ES tem um papel fundamental neste âmbito uma vez promover a saúde sexual dos indivíduos (WHO/BZgA, 2010).

### 1.3. O impacto dos meios de comunicação na educação sexual dos adolescentes

A utilização de meios de comunicação, ou *media* na língua inglesa, pela população adolescente aumentou na última década (Prinstein et al., 2020). Estes podem ser definidos como um conjunto de meios tecnológicos que permitem diversas formas de comunicação, incluindo mensagens de texto, chats, filmes, vídeos, redes sociais (como o *Facebook, Instagram, Snapchat*) e abrangendo as formas de comunicação tecnológicas mais tradicionais como a televisão e a rádio (Guse et al., 2012; Strasburger, 2012). Para além de outros fins, os jovens utilizam estes meios como forma de interagir com os seus pares, estabelecer normas relativamente às relações e encontrar informação sobre saúde e sexualidade, incluindo material sexualmente explícito (Coyne et al., 2019; Gaidhane et al., 2018; Landry et al., 2017; Simon & Daneback, 2013; Smith et al., 2016). Segundo McKee (2012), esta população recorre aos *media* para obter informações sobre sexualidade porque a educação formal disponibilizada nas escolas não corresponde ao conhecimento que pretendem obter. Na prática, os jovens relatam que a *internet* é uma das fontes preferidas para a obtenção de informação sobre saúde sexual. Contudo, sabe-se que esta população é especialmente suscetível às influências dos meios de comunicação por diversos motivos, como o desenvolvimento das suas identidades sexuais, a incapacidade de controlarem totalmente os seus impulsos e a influência estabelecida pelos pares (Smith et al., 2016). Por estas razões, pode existir uma certa preocupação acerca da influência que os meios de comunicação têm na vida dos mesmos (Landry et al., 2017) pois, de facto, os *media* podem ter um papel nos processos de aprendizagem e ES dos jovens e têm sido vistos como uma variável que molda o desenvolvimento social dos mesmos e influencia os seus comportamentos, perceções e atitudes sexuais (Masanet & Buckingham, 2015; Scull et al., 2018; Smith et al., 2016).

Os adolescentes encontram informações sobre práticas e relações sexuais em diversos meios de entretenimento, como *websites*, filmes, vídeos, revistas, televisão entre outros (McKee, 2012). Embora existam estudos que concluem que a exposição a meios de comunicação sexual não tem influência nas expectativas e comportamentos sexuais dos espetadores, há outros que mostram que esta exposição pode ter consequências negativas para a saúde, não havendo consenso na literatura (Coyne et al., 2019; Neustifter et al., 2015). Segundo Tomić e colaboradores (2018), a visualização de material sexualmente explícito por adolescentes tem-se revelado em comportamentos sexuais de risco. Scull et al. (2018) referem que tal visualização também leva a maior objetivação das mulheres e maior aceitação da violência contra o sexo

feminino, de mitos sobre violação e de assédio sexual, além de se associar a normas sexuais mais permissivas e atitudes de género mais rígidas. De facto, uma análise de conteúdo de pornografia concluiu que 88% das cenas incluem agressão física contra as mulheres e Rodenhizer e Edwards (2019) referem que vários estudos mostram que a exposição a meios de comunicação social sexualmente explícitos e sexualmente violentos podem ser fatores de risco para a violência no namoro e a violência sexual. Diversas investigações indicam também que a exposição a conteúdos sexuais nos *media* se associa com níveis mais elevados de atividade sexual desprotegida, gravidezes não planeadas, encontros de apenas uma noite, IST's e maior aceitação dos mitos relacionados com a violação (Coyne et al., 2019). Por sua vez, na revisão sistemática e meta-análises realizadas por Smith e colaboradores (2016), estes investigadores concluíram que a visualização de *websites* sexualmente explícitos resultava em relações sexuais desprotegidas e a prática de *sexting* em atividade sexual recente, consumo de drogas ou álcool antes da atividade sexual e múltiplos parceiros recentes. Também na meta-análise de Vannucci et al. (2020), os resultados sugeriram associações entre níveis elevados de utilização das redes sociais e comportamentos sexuais de risco. Do mesmo modo, num estudo com 555 adolescentes latinos a viver nos Estados Unidos da América, verificou-se que o envio de mensagens de texto com elevada frequência se associava com um aumento de comportamentos sexuais de risco durante um período de 16 meses (Landry et al., 2017). Estes são alguns resultados de estudos entre muitos que começam a emergir sobre a temática dos *media* e o impacto nos comportamentos sexuais e ES dos adolescentes.

Apesar das diversas conclusões negativas e preocupantes apresentadas nas investigações mencionadas anteriormente, os *media* podem ser um meio promissor para veicular informações sobre saúde sexual (Landry et al., 2017), tendo os membros do *Community Sexually Transmitted Disease Collaborative* se referido a eles como uma plataforma apropriada para oferecer mensagens de educação sanitária aos cidadãos (Jones et al., 2019). Segundo Masanet e Buckingham (2015, p.487), os meios de comunicação podem “disponibilizar ideias e representações que desafiam os preconceitos dos jovens sobre sexo e relações; e podem gerar debates sobre questões éticas que vão além das afirmações simplistas sobre o certo e o errado”. É sabido que os adolescentes utilizam os meios *online* para acederem a ES. Numa revisão sistemática, verificou-se que os temas mais pesquisados por esta população se prendiam com IST's, comportamentos e atos sexuais, gravidez e parto, contraceção e proteção, informações

acerca do corpo, identidade e orientação sexual e ainda relações e questões sociais (Simon & Daneback, 2013). Estes meios podem chegar a um maior número de pessoas de uma forma rápida e rentável e ainda atender melhor aos interesses que os adolescentes têm relativamente à ES (Dunne et al., 2014). Na realidade, vários programas com o intuito de educar os jovens para a sexualidade têm sido fornecidos através de meios de comunicação como, por exemplo, *websites*, redes sociais e mensagens de texto (Guse et al., 2012). Numa revisão sistemática de Simon e Daneback (2013) sobre o uso da *internet* pelos adolescentes para a ES, os investigadores sugerem que os comportamentos, os conhecimentos e as atitudes desta população em temas de saúde sexual podem ser alterados de forma significativa através de intervenções *online* e concluíram ainda que uma intervenção na *Web* orientada e com conteúdo qualificado oferece um formato eficaz para a ES destinada a jovens. Também já existem estudos sobre o fornecimento de ES através de jogos. *LifeChanger* é um desses exemplos, para o qual foi realizado um estudo piloto com participantes do 8º ano de escolaridade, que revelou que este jogo era viável e aceitável (Gilliam et al., 2016). De igual modo, as redes sociais tornaram-se também um veículo para fazer chegar aos adolescentes informações sobre sexualidade. Estas plataformas permitem criar perfis e comunicar com outros indivíduos e têm sido descritas como uma das atividades favoritas desta faixa etária (Cookingham & Ryan, 2015; Eleuteri et al., 2017). Dunne e colaboradores (2014), numa revisão sistemática que pretendia explorar a viabilidade das redes sociais como um meio para educar os adolescentes na tomada de decisões mais informadas e, conseqüentemente, diminuir as IST's, concluíram que a utilização deste método para veicular tais ensinamentos pode influenciar comportamentos e levar a melhores resultados de saúde sexual. Masanet e Buckingham (2015) também examinaram um fórum de fãs de uma série britânica denominada *Skins*, que se centra na vida de um grupo de adolescentes e se foca no sexo e nas relações, como forma de perceberem o potencial dos fóruns como um meio de ES e de relações entre pares. Após a investigação, os teóricos concluíram que, de facto, este pode ser um outro meio plausível para a educação em sexualidade. Apesar destes resultados promissores apresentados, a maioria das intervenções de ES realizadas *online* centram-se na prevenção de comportamentos de risco adotados por adolescentes e deixam de parte a promoção do bem-estar sexual (Todaro et al., 2018). De facto, numa análise de conteúdo de 14 *sites* que forneciam ES para esta população, os investigadores concluíram que os tópicos abordados se

focavam na saúde sexual e reprodutiva, embora fizessem um esforço para serem inclusivos de diferentes identidades, gêneros e orientações sexuais (Marques et al., 2015).

Apesar de nos termos focado nos meios de comunicação como um fator que pode influenciar a ES dos adolescentes e os seus comportamentos, atitudes e percepções acerca da sexualidade, é importante referir que tal influência depende de múltiplas variáveis, nomeadamente a idade, o sexo, a raça, a religião, o nível de educação, o estatuto socioeconómico entre outros, e não apenas dos *media* (Arabi-Mianrood et al., 2017; Rodenhizer & Edwards, 2019; Vannucci et al., 2020). Assim, é importante mencionar que os meios de comunicação não são sinónimo de dano, mas que o mesmo depende da forma como estes meios são utilizados e de como a sua informação é percebida (Todaro et al., 2018). Uma abordagem eficaz para uma melhor utilização e seleção das informações obtidas através dos *media* pelos adolescentes prende-se com a educação em literacia mediática, que tem mostrado bons resultados no que à promoção da saúde sexual e relacional diz respeito. Esta tem como objetivo melhorar a capacidade de pensamento crítico dos sujeitos, de modo a que estes não aceitem simplesmente as mensagens transmitidas pelos meios de comunicação, mas que sejam capazes de as avaliar em termos de precisão e realismo (Scull et al., 2018). Além disto, é importante que se perceba melhor o impacto dos meios de comunicação nos resultados sexuais dos adolescentes e, para isso, os investigadores têm sugerido estudos longitudinais como forma de se obter resultados mais fiáveis para que seja possível, posteriormente, fazer recomendações e criar políticas que tornem estes meios de informação um local seguro para os jovens (Rodenhizer & Edwards, 2019; Vannucci et al., 2020). Assim, é importante que os profissionais percebam que a utilização da tecnologia pela população adolescente não é, maioritariamente, prejudicial, mas sim um aspeto relevante do desenvolvimento da sua identidade, das suas relações e da sua sexualidade (Eleuteri et al., 2017).

#### **1.4. Estudos sobre a série *Sex Education***

Uma vez toda esta investigação fundamentar-se na série *Sex Education*, achou-se que faria todo o sentido explorar brevemente as investigações que têm sido realizadas tendo por base a mesma. Como é do nosso conhecimento, os meios audiovisuais como a televisão, filmes e séries transmitem aos espetadores uma variedade de mensagens relacionadas com a sexualidade (Boislard et al., 2022). Apesar dos jovens referirem que um dos benefícios dos *media* é a

possibilidade de aprendizagem, os adultos encaram de forma negativa a aquisição de informações sobre saúde através destes meios, mostrando desconhecimento pelo potencial dos mesmos como um recurso útil para a promoção da saúde (Goodyear & Armour, 2019). Por estas tecnologias oferecerem a oportunidade de trazer ao debate temas e conteúdos complexos ou difíceis de abordar em sala de aula, através de uma linguagem acessível e mais convidativa às novas gerações, há quem defenda que as produções integradas nas plataformas de *streaming*, como as séries, podem ser integradas no ambiente escolar como um meio para (auxiliar) a educação (Lopes, 2019; R. A. Silva, Henrique & J. G. Silva, 2020).

Atualmente, são já algumas as investigações que exploraram a série *Sex Education*, embora nenhum tenha sido realizada em Portugal. Estas tiveram variados objetivos e mostraram resultados interessantes. No estudo de Manchini e colaboradores (2020), estes concluíram que a série demonstra tópicos de relevância a serem discutidos na escola e na sociedade e que ela aborda a sexualidade sem tabus, o que permitiu a adolescentes e adultos terem refletido sobre temas que jamais lhes tinham sido apresentados. Defenderam ainda que ela demonstra a importância da formação de professores para que estes tenham a capacidade de fornecer informações sobre sexualidade de forma científica e evitar incoerências ou inverdades. Na investigação de Rosa et al. (2021), estes autores procuraram estabelecer uma ligação entre as vivências das personagens de *Sex Education* e os estudos de género e os estudos culturais, com o propósito de demonstrar a relevância de serem inseridas em contexto escolar discussões sobre o corpo, o desejo e o prazer. Segundo os mesmos, é perceptível, através desta produção, a opressão e repressão que atua sobre os alunos relativamente ao tema da sexualidade, onde existe falta de informações nos seus meios e a única forma de aceder às mesmas é ir buscá-las onde lhes são oferecidas. Já Lopes e os seus colaboradores (2019) preocuparam-se em perceber de que forma a *Sex Education* pode contribuir para o ensino de temas ligados à sexualidade em meio escolar. Estes investigadores concluíram que a série pode servir como um subterfúgio para que os estudantes interajam sobre questões relacionadas à saúde do corpo, reflitam sobre as suas dúvidas e se identifiquem com os problemas retratados pelas personagens. Ademais, esperam que a sua investigação sirva como estímulo para que outros professores comecem a utilizar séries como estratégias formativas que possam articular diferentes áreas do saber, como a saúde e a educação. Também R. A. Silva, Henrique e J. G. Silva, (2020) verificaram que os jovens se relacionam com as vivências das personagens de *Sex Education* e que esta pode ser um ótimo



meio para se iniciar o diálogo em torno da ES, pois este conteúdo multimédia cumpre um papel informativo e formativo relativamente à ES. De facto, um outro estudo que investigou as temáticas abordadas pela série, apontou-a como uma ótima ferramenta educativa no âmbito da ES uma vez ser realista, apresentar uma linguagem clara e abordar temas como as IST's, o assédio sexual e o aborto (Santos et al., 2020). Assim, segundo Dudek et al. (2022), a produção estudada vem mostrar as necessidades não satisfeitas dos jovens contemporâneos em relação aos conhecimentos e às aptidões relacionadas com a sexualidade e a prática sexual, retratando os adolescentes “como procuradores ativos de informação, prontos e dispostos a encontrar, adaptar, criar e fazer uso de conteúdos relevantes” (p.512) que, por vezes, não se encontram disponíveis na maioria das aulas de ES. Por outro lado, algumas investigações procuraram estudar personagens específicas, como é o caso da de Pereira et al. (2020), que se centrou na Aimee como forma de discutir os conflitos que permeiam a construção da identidade feminina no que respeita às questões sexuais. Os resultados comprovaram a semelhança entre a personagem ficcional e a figura social feminina, assim como a importância de abordar a ES no contexto escolar, uma vez contribuir para a construção da identidade feminina e a rutura de paradigmas que contribuem para a regressão social e o aprisionamento pessoal. O Eric também tem sido uma figura bastante estudada, uma vez ser negro, extravagante e homossexual. Num estudo, os autores concluíram que personagens como o Eric possibilitam que os telespectadores se sintam acolhidos, identificados e representados (P. H. Silva, V. O. Silva & Satler 2020). Por fim, há professores que já colocaram em prática atividades tendo por base a *Sex Education*. Estes serviram-se da primeira temporada desta série e, através da visualização dos episódios nas aulas, os alunos realizaram discussões e atividades, tanto em casa quanto na escola, sobre tópicos que tivessem causado inquietude ou tivessem chamado à atenção em cada episódio (Santos & Almeida, 2022). Concluindo, é notório o interesse da comunidade científica em explorar a série *Sex Education* de forma a melhor perceber o seu papel como ferramenta na ES, os temas explorados e a sua abordagem aos mesmos. Além disto, é exibida a capacidade de adaptá-la ao contexto escolar e trabalhar as temáticas exploradas por ela com os alunos.

## CAPÍTULO II – METODOLOGIA

## **2.1. Enquadramento metodológico do estudo**

A presente investigação tem como objetivos: 1) compreender a representação da sexualidade e ES para os jovens e profissionais; 2) perceber as suas perspetivas sobre o impacto da série *Sex Education* nos jovens; e 3) explorar a *Sex Education* como um recurso pedagógico para a ES. Todo este estudo concretiza-se tendo como estímulo a série *Sex Education* e, por isso, esta investigação poderá clarificar potenciais benefícios da utilização desta série como auxiliar para a transmissão de conteúdos relacionados com a sexualidade, assim como práticas de intervenção tendo por base a mesma.

Para a realização desta investigação, optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa que tem como objetivo compreender a experiência e comportamento humano (Bogdan & Biklen, 1994). Esta caracteriza-se pelos dados serem recolhidos no ambiente natural dos sujeitos, pelo investigador ser o instrumento principal, por ser descritiva, ter um enfoque interpretativo, valorizar a indução, ter múltiplas fontes de dados e dar especial enfoque aos significados dos participantes, pois interessam-se pelas perspetivas e significados individuais da questão em estudo (Bogdan & Biklen, 1994; J. W. Creswell & J. D. Creswell, 2018; D. T. Teis & M. A. Teis, 2006).

## **2.2. Método**

### **2.2.1. Participantes**

Um dos critérios para a seleção dos participantes foi pertencerem à população da Região Autónoma da Madeira, de forma a garantirmos que, tanto os profissionais quanto os jovens, estavam inseridos no mesmo contexto. Optámos por adotar esta condição de forma a limitar o estudo a um ambiente social específico e obtermos resultados mais consistentes e menos heterogéneos. A seleção dos participantes foi realizada por conveniência e pelo método de bola de neve, de acordo com os critérios definidos. Quanto aos profissionais, as condições prendiam-se com trabalhar os temas da sexualidade e ES com jovens madeirenses e terem assistido às três temporadas da série *Sex Education*. Relativamente aos jovens, para poderem participar no estudo tinham de ter uma idade compreendida entre os 16 e os 20 anos, terem visualizado as três temporadas da série *Sex Education* e serem naturais da Ilha da Madeira. Quando estes eram menores de idade, era obrigatória a autorização da participação dos mesmos na investigação, através de um consentimento devidamente assinado pelos encarregados de educação (Anexo 3).

Deste modo, realizaram-se três entrevistas presenciais com profissionais (enfermeira, psicóloga e professora) e nove entrevistas *online*, através da plataforma *Zoom*, com jovens. A caracterização dos participantes encontra-se disponível no Quadro 1 e 2.

| Participante | Sexo | Idade | Estabelecimento de ensino                  | Ano de ensino/licenciatura | Área de estudo/curso  | Tempo de visualização da 3ª temporada da <i>Sex Education</i> |
|--------------|------|-------|--|----------------------------|-----------------------|---|
| <b>J1</b>    | F    | 18    | Universidade da Madeira                    | 1º ano                     | Psicologia            | 10 meses  |
| <b>J2</b>    | F    | 18    | Escola Secundária de Francisco Franco      | 12º ano                    | Artes Visuais         | 9 meses   |
| <b>J3</b>    | F    | 18    | Escola Secundária de Francisco Franco      | 12º ano                    | Artes Visuais         | 10 meses  |
| <b>J4</b>    | F    | 17    | Escola Secundária de Francisco Franco      | 12º ano                    | Línguas e Humanidades | 7 meses   |
| <b>J5</b>    | M    | 17    | Escola B+S Bispo D. Manuel Ferreira Cabral | 11º ano                    | Línguas e Humanidades | 4 meses   |
| <b>J6</b>    | M    | 18    | Escola Secundária de Francisco Franco      | 12º ano                    | Línguas e Humanidades | 10 meses  |
| <b>J7</b>    | F    | 18    | Universidade da Madeira                    | 1º ano                     | Psicologia            | 6 meses   |
| <b>J8</b>    | F    | 20    | Universidade da Madeira                    | 3º ano                     | Psicologia            | 9 meses   |
| <b>J9</b>    | F    | 19    | Universidade de Lisboa                     | 1º ano                     | Engenharia Civil      | 12 meses  |

**Quadro 1.** Caracterização dos jovens

| Participante | Sexo | Idade | Profissão        |
|--------------|------|-------|------------------|
| <b>ENFER</b> | F    | 23    | Enfermeira       |
| <b>PSIC</b>  | F    | 28    | Psicóloga júnior |
| <b>PROF</b>  | F    | 54    | Professora       |

**Quadro 2.** Caracterização das profissionais

A recolha de participantes foi um dos grandes desafios da execução desta tese, o que inviabilizou a realização de um grupo focal com os jovens, pois não se conseguiu reunir o número mínimo de participantes devido a desistências de última hora. Deste modo, optou-se por recorrer a entrevistas de forma a facilitar o processo de recolha de dados e não comprometer a data de entrega da dissertação. Ademais, embora existam vários profissionais a tratar o tema da sexualidade com jovens na Ilha da Madeira, o principal desafio para recrutá-los prendeu-se com a visualização da série, pois a grande maioria não cumpria este critério de seleção. Esta é a justificação para ter entrevistado uma professora que, embora evidencie conhecimentos na área da sexualidade, nunca lecionou o projeto ESA (Educação para a Sexualidade e Afetos) e também para a participação de uma psicóloga júnior, embora já possua muita experiência neste campo.

### ***2.2.2. Procedimento de recolha da informação: Entrevistas***

A entrevista tornou-se um dos meios mais comuns de recolha de dados nas pesquisas em ciências humanas e sociais (Denzin & Lincoln, 2018). Ela é vista como um “encontro humano, intersubjetivo e reativo” onde, através da interpretação dos fenómenos descritos, é possível para o investigador produzir conhecimento (Denzin & Lincoln, 2018, p.999). A assunção das tecnologias veio trazer a possibilidade de se realizarem entrevistas por meio de programas de videoconferências, como o *Zoom Video Communications Inc. (Zoom)*, revelando-se uma alternativa rentável e conveniente às entrevistas presenciais por, por exemplo, reduzir o tempo de recolha de dados e evitar deslocamentos (Gray et al., 2020; L. F. Silva & Russo, 2019; Schmidt et al., 2020). Estes foram os principais motivos que nos levaram a recorrer à tecnologia para a realização das entrevistas com os jovens. A literatura mostra que o facto de estas serem mediatizadas não lhes retira qualidade, apoiando de uma perspetiva otimista a utilização destes meios para obter dados através de entrevistas qualitativas (Gray et al., 2020). No entanto, é importante assegurar-se um ambiente privativo e silencioso, de forma a garantir o mínimo de distrações e interrupções possíveis, tanto para o entrevistador quanto para o entrevistado (Schmidt et al., 2020). Deste modo, procedeu-se à realização de entrevistas semiestruturadas, por estas permitirem uma maior flexibilidade e interação entre os interlocutores (L. F. Silva & Russo, 2019). O guião da entrevista com os jovens (Anexo 1) encontrava-se dividido em cinco partes: 1) expectativas e experiências sobre a série; 2) sexualidade e ES; 3) relações; 4) novos

conhecimentos, pesquisas e aprendizagens; e 5) usar a série como recurso na ES. Já o guião dos profissionais (Anexo 2) também possuía 5 divisões, mas com algumas diferenciações: 1) expectativas e experiências sobre a série; 2) sexualidade e ES; 3) impacto da série nos jovens; 4) utilização da série na prática profissional com jovens; e 5) utilização da série como recurso na ES. Ambos os guiões foram avaliados por profissionais da área da ES e sexualidade e testados por meio de entrevistas piloto, não sendo necessário proceder a nenhuma alteração.

### 2.2.3. Procedimento de tratamento da informação: Análise de conteúdo

É indispensável recorrermos à análise de conteúdo quando queremos analisar material dito “qualitativo” (Bardin, 2011). Para Bardin (2011, p.48) ela corresponde a “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos”. A análise de conteúdo é organizada em 3 etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (Bardin, 2011; Cardoso et al., 2021). Do primeiro momento faz parte a preparação do material a ser analisado e, por isso, todas as entrevistas realizadas foram transcritas na totalidade (estas não se encontram anexadas a este estudo de forma a preservar a identidade dos participantes). Na segunda fase, como o nome indica, é a ocasião de trabalhar os dados brutos e categorizá-los tendo por base a sua semelhança (Bardin, 2011), o que deu origem, através do critério semântico, às categorias e subcategorias apresentadas no Quadro 3. Por fim, procedeu-se à análise, inferência e interpretação dos resultados, exibidos no Capítulo III.

|   |                             |  |
|---|-----------------------------|--|
| <b>Sexualidade e educação sexual</b>                                  | Representação S             | Representação da sexualidade   |
|   | <i>Media</i>                | Perspetiva sobre os jovens utilizarem os <i>media</i> como forma de adquirirem conhecimentos sobre sexualidade |
|   | Representação ES            | Representação da ES  |
|   | Escola                      | Perspetivas sobre a ES realizada em meio escolar   |
| <b>Expectativas e experiências sobre a série <i>Sex Education</i></b> | Motivos para a visualização | Motivos que levaram os participantes a visualizar a série  |
|   | Expectativas                | Expetativas relativamente à série e se estas foram ou não correspondidas                                       |
|   | Apreciação                  | Apreciação geral da série  |
|   | Críticas                    | Críticas relativamente à série   |
|   | Novos temas                 | Proposta de temas a introduzir numa próxima temporada da série   |

|   |                            |  |
|---|----------------------------|--|
| <b>Impacto da série <i>Sex Education</i> nos jovens</b>                   | Questionamento             | Questionamento por parte dos jovens sobre certos assuntos após a visualização da série   |
|   | Pesquisa                   | Temas que a série fez com que os jovens fossem pesquisar   |
|   | Mitos                      | Perspetiva sobre a desconstrução de mitos através da visualização da série   |
|   | Identificação              | Experiência dos jovens sobre a identificação com personagens ou situações ilustradas na série  |
|   | Vivência                   | Visualização de vivências da sexualidade através da série que foram novidade para os jovens  |
|   | Abertura na Comunicação    | Contribuição da série para a promoção de uma comunicação mais aberta sobre sexualidade entre os jovens                                       |
|   | Comunicação com pais       | Contribuição da série para a comunicação entre jovens e pais sobre sexualidade   |
|   | Comportamentos de proteção | Possível contribuição da série para a aquisição de comportamentos de proteção  |
|   | Relações                   | Perspetiva dos jovens sobre a contribuição da série para o auxílio e reflexão sobre as próprias relações                                     |
|   | Aprendizagens e dúvidas    | Perspetiva dos profissionais e experiência dos jovens sobre novas aprendizagens e esclarecimento de dúvidas através da visualização da série |
| <b>Utilização da série <i>Sex Education</i> na intervenção com jovens</b> | Recomendação               | Recomendação dos profissionais para a visualização da série pelos jovens   |
|   | Utilidade                  | Perspetiva sobre a utilidade da série na intervenção com jovens  |
|   | Utilização                 | Utilização da série pelos profissionais na sua prática profissional com jovens   |
|   | ES                         | Utilização da série como recurso para a ES e proposta de intervenção   |

**Quadro 3.** Sistema de categorias e subcategorias

### **2.3. Breve contextualização da série *Sex Education***

A *Sex Education* é uma série de origem britânica criada por Laurie Nunn e produzida pela plataforma de *streaming Netflix* (R. A. Silva, Henrique & J. G. Silva, 2020). Atualmente composta por 3 temporadas, esta produção alcançou um sucesso de audiências e popularidade, tendo cerca de 40 milhões de visualizações no primeiro mês após a sua estreia (R. A. Silva, Henrique & J. G. Silva, 2020; Manchini et al., 2020). A série retrata a vida dos alunos da *Moordale Secondary School*, dando enfoque à temática da sexualidade e tendo como personagem principal Otis Milburn, um adolescente de 16 anos inseguro e inexperiente a nível sexual que é filho de uma terapeuta sexual, Jean Milburn (Manchini et al., 2020; Rosa et al., 2021). Nesta trama, Otis, através dos conhecimentos adquiridos nas conversas com a sua mãe e juntamente com a sua amiga Maeve, criam uma clínica sexual clandestina como forma de auxiliar os seus colegas na vivência da sexualidade (Rosa et al., 2021). Tal ideia surgiu como

forma de colmatar o despreparo da escola para abordar tais temáticas, pois é visível que as aulas de ES se focavam apenas numa vertente biológica e que existia um ambiente de repressão relativamente ao assunto (Pereira et al., 2020). Deste modo, a série mostra “o quanto a falta de informações pode confundir, assustar e levar à tomada de atitudes equívocas” (Pereira et al., 2020, p.1463). A *Sex Education* inclui diversas personagens que espelham a complexidade e diversidade da vivência sexual, desde indivíduos heterossexuais, assexuais, bissexuais, homossexuais, pansexuais, virgens, incluindo também uma família monoparental e sujeitos que ainda se encontram em processo de descoberta (Bréda, 2020; P. H. Silva, V. O. Silva & Satler 2020). Ademais, esta série aborda o sexo, a sexualidade e os problemas relativos a estes de forma realista e natural, livre de tabus, mostrando-se uma das produções mais genuínas na representação da adolescência (Santos et al., 2020). Por fim, abarca variadíssimos temas, nomeadamente a masturbação, as fantasias, a primeira relação sexual, as relações familiares, a autoestima, o prazer, a saúde, a gravidez, o aborto, os métodos contraceptivos, as IST's, a descoberta da própria sexualidade, o assédio sexual e a homofobia, entre outros. Deste modo, segundo Manchini e colaboradores (2020), a série *Sex Education* permite aos telespectadores desconstruir conhecimentos pré-concebidos e ainda adquirir conhecimento científico.

## CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 3.1. Sexualidade e educação sexual

Tal como no estudo de Rocha (2009), os presentes jovens parecem igualmente não ter refletido anteriormente sobre o termo sexualidade, sendo isto perceptível através das hesitações, dificuldades de resposta e mesmo ausência da mesma (J2: “*A sexualidade... Hum... a sexualidade é... a sexualidade acho que não tem uma definição hum... a sexualidade...*”; J6: “*Boa pergunta. Eu, honestamente, a sexualidade eu penso que é... não sei, não vou responder uma resposta que não tenho a certeza nem, não sei, não sei mesmo*”). Uma jovem explica “*as pessoas dizem sexualidade como orientação sexual e depois dizem sexualidade a nível mais geral*” (J1), referindo que é uma palavra abrangente. De facto, muitos jovens referiram que a sexualidade se alude à orientação sexual, mas também à identidade de género, às preferências sexuais, ao sexo atribuído à nascença e aos estereótipos de género. Embora a maioria dos

inquiridos tivessem incluído a orientação sexual como uma componente da sexualidade, houve quem discordasse desta perspetiva:

ENT: *Além disso, achas que [a sexualidade] inclui mais alguma coisa?*

J8: *Não porque eu estou a pensar que orientação sexual é aquilo que nós nos atraímos, é aquilo que nós gostamos a nível sexual...*

ENT: *Hum-hum.*

J8: *...e a sexualidade é mais esta vertente mais inata (...).*

ENT: *Portanto, o que me estás a querer dizer é que orientação sexual hum é outra vertente diferente da sexualidade, ou seja, não está incluída, é isso que me estás a dizer?*

J8: *Exato.*

Por fim, a sexualidade também foi vista como uma construção (J6: *“aquilo que (...) nós construímos”*) e como uma vertente mais individual de bem-estar. Na visão das profissionais, a sexualidade é descrita como uma componente que se relaciona com nós próprios, com os outros e com o meio envolvente (PSIC: *“sexualidade engloba toda a nossa vivência com os outros, com o mundo e connosco mesmos.”*; ENFER: *“está em constante relação consigo próprio, com todas as suas componentes e com o meio onde ele está inserido”*), abarcando, por isso, a autoaceitação, a autoconfiança, a autoestima, o afeto, o modo como nos relacionamos com os outros e a forma como nos expressamos e pensamos. Além disto, inclui também a saúde, a identidade de género, a expressão de género e a orientação sexual, deixando claro que a sexualidade não se restringe ao ato sexual. É interessante perceber, ao longo das entrevistas, que esta componente humana e os temas por ela tratados são ainda vistos pelos entrevistados como tabu na nossa sociedade (PSIC: *“falar sobre sexualidade, atualmente, ainda é tabu”*; J3: *“acho que as pessoas ainda não estão tão confortáveis a falar sobre o assunto”*). Os jovens defendem que estes assuntos deveriam ser tratados com mais naturalidade, o que não acontece (J2: *“O ideal era isto, era não haver tabu; J9: “também lidar com temas bastante, que, para muita gente, é tabu e conseguiram hum falar do assunto como se fosse algo tão normal, do dia a dia, que é o que é suporte ser”*), podendo levar a dificuldades relacionais (J6: *“Eu acho que há um grande desconforto em falar antes [de um ato sexual], corre mal durante e não se fala depois e é sempre assim que as coisas tendem a acontecer”*). Isto mostra que, apesar do esforço e dos vários progressos no que à ES em Portugal diz respeito, ainda existe um clima de tensão e de secretismo



relativamente ao sexo e à sexualidade, continuando a propagar-se a ideologia de que este é um assunto de difícil trato e de cariz pessoal. Como já mencionado, atualmente é possível para os jovens aprenderem sobre sexualidade através de diversas fontes como os pais, a comunidade escolar e os *media* (Naser et al., 2020). Este último meio de informação foi descrito pelos mais novos como vantajoso, mas também prejudicial. Eles acreditam que os *media* são uma valiosa fonte de informação porque permitem uma maior confidencialidade e um fácil acesso a informações (J6: “*ir às redes sociais, ir aos media, em geral, pesquisar, é uma forma mais confidencial, [as pessoas] sentem-se mais à vontade*”; J4: “*na internet há a possibilidade de sabermos tudo o que nós quisermos é muito bom*”). Além disto, ao difundirem informações sobre sexualidade contribuem para que este tema deixe de ser tabu e permitem às pessoas normalizar as suas experiências (J9: “*eu acho que também é bom porque uma pessoa vê que se está representado, se está escrito, se existe algum artigo sobre o assunto é que a pessoa não é assim tão única*”). Apesar destes benefícios, existem alguns pontos menos positivos elencados pelos jovens, designadamente a pornografia (J2: “*a pornografia não está correta, aquilo é uma fantasia que é criada*”) e a existência de informações incorretas e incoerentes. Quanto aos jovens conseguirem distinguir entre informações fidedignas e não fidedignas, eles referiram que muitos têm a crença de que se está na *internet* é verdade e que a idade é um fator a ter em conta na avaliação da informação. Por estes motivos, acreditam ser importante recolher informações de diversas fontes e ser, de facto, a escola a educar na área da sexualidade (J1: “*E é por isso que na escola devia ter porque assim ensina mais o que é estar mais, assim, perto da realidade*” J3: “*seria mais correto ser uma coisa contribuída na nossa educação mesmo já de escolaridade*”) sugerindo também a criação de uma página *online* gerida por um entidade legítima (J6: “*acho que devia de haver uma página (...) com uma autoridade reguladora fidedigna, que permitisse ter acesso a estas questões sobre sexualidade*”). Deste modo, os jovens mostram ter conhecimentos sobre a vertente positiva e negativa da utilização dos meios de comunicação para aquisição de conhecimentos relacionadas com a sexualidade. Além disto, evidenciam a necessidade e desejo de obterem informações corretas, mencionando a escola como o melhor meio para as obterem. Isto mostra que os jovens acreditam no potencial e na credibilidade desta instituição para lhes fornecer informações e os educar no que à sexualidade diz respeito. As profissionais partilham da visão dos jovens referindo haver benefícios e malefícios da utilização dos meios de comunicação. Quanto a aspetos positivos, foi igualmente salientada a fácil

acessibilidade a conteúdos e o contributo dos *media* para tornar a sexualidade um tema livre de preconceitos. No entanto, consideram que a grande ferramenta para a obtenção de boas informações prende-se com o saber filtrar, pois a falta destes mecanismos poderá levar-nos a conteúdos desadequados, discriminatórios, pouco científicos e incorretos (PSIC: “*nós temos de saber filtrar*”; ENFER: “*Aquele que é o conhecimento que nos chega através dos media e que é totalmente adequado e que defende as questões da igualdade, saúde, segurança e positividade é muito pouco*”). Já no que concerne aos jovens serem capazes de filtrar conhecimentos, surgiram duas variáveis que podem ter implicação neste processo, nomeadamente a idade e a forma como a informação é apresentada (ENFER: *[estas gerações] quando vão à internet porque estão habituados a uma era de imagem, portanto, do que parece bonito, bem feito, com um bom design para eles é adequado*”).

Relativamente à ES, ela é vista pelos jovens como essencial nos dias de hoje, embora alguns deles aparentem nunca ter refletido sobre o que ela realmente significa (J2: “*O que é isssh, o que é para mim ES*”; J6: “*Uih, uma boa pergunta*”; J8: “*Para mim ES é (risos) como é que eu hei de explicar...*”). Para eles, a ES tem como função ensinar e, apesar de muitos a associarem à redução dos riscos relacionados com a atividade sexual, por abordar temas como a prevenção de doenças, métodos contraceptivos e IST’s, e a relacionarem igualmente com a aprendizagem da anatomia e funcionamento do corpo humano, há quem defenda que a ES é mais do que isso e que compreende não só os riscos, mas também os benefícios envoltos à vivência da sexualidade (J9: “*é uma pessoa conseguir aprender a ver tudo o que pode existir à volta da sexualidade, tanto perigos como... coisas boas que vêm de ter uma vida sexual*”). Além disto, os jovens referem que a ES também serve para normalizar experiências e saber os comportamentos a adotar aquando de um ato sexual (J6: “*saber o que fazer antes, durante e depois de um ato sexual*”). Para os mesmos, a ES não se prende apenas com o sexo, mas também com o relacionamento com os outros e com nós mesmos e, por isso, aborda a questão do autoconhecimento, da saúde, dos limites nas relações e da comunicação. É evidente, ao longo das entrevistas, que os jovens têm uma visão redutora da ES, ou seja, associam-na exclusivamente a aulas formais e estruturadas, sendo as ações informais e contextualizadas, características do modelo transversal como forma de trabalhar objetivos da ES, desvalorizadas pelos mesmos (J1: “*é uma série, ela realmente não é ali uma aula de ES*”; J1: “*a ES é realmente muito importante e devia ser uma coisa que devíamos mesmo ter, pelo menos, no mínimo, no*

nono ano, na escola ou, pelo menos, no secundário, mas, infelizmente, não temos”). Por outras palavras, é notório que, para os jovens, a ES corresponde apenas ao projeto ESA, ou seja, tudo o que é abordado sobre sexualidade fora desse projeto, para eles, não é ES. Isto reflete que esta população não está sensibilizada sobre a abordagem do modelo transversal, desvalorizando o trabalho de temas relacionados com a sexualidade nas diversas disciplinas ou num contexto exterior à escola. Além disto, embora alguns jovens se tenham focado maioritariamente no modelo de risco para representarem a ES, é visível que eles não se ficam por aí e que desejam que a ES realmente os auxilie nas suas vidas sexuais, abarcando todos os temas e não só a prevenção de riscos (J2: *“a série (...) a mim ensinou-me bastantes coisas que na escola não ensinam e acho que era super importante ensinarem*). Isto mostra que os jovens são apologistas do modelo biográfico e profissional (J2: *a educação para a sexualidade é... é isto, é... é nos ensinarem o que é em vez de nos fazerem sentir como outcasts, (...) nos fazer sentir como se não tivéssemos corretos a ter este tipo de pensamentos, gostar de uma pessoa diferente ou gostar de coisas mais assim obscuras no quarto”*; J9: *“para criar uma sociedade mais aceitável a ES é... é muito importante, tanto isso como também para também se sentir bem pessoalmente”*). Para as profissionais, a ES é percebida como um meio para informar, ou seja, um meio para disponibilizar conhecimentos inclusivos sobre sexualidade, de forma que contribuam para que os indivíduos saibam gerir esta área das suas vidas de uma forma responsável e positiva (ENFER: *Para mim a ES é todo o conjunto de conhecimentos que eu tenho e que eu disponho para viver a minha sexualidade de uma forma segura, saudável e positiva”*; PROF: *“educar para a sexualidade é informar as pessoas hum a saberem gerir com a sua sexualidade”*). Para elas, a ES inclui o esclarecimento de dúvidas, a quebra de preconceitos e a exploração de temas como a autodescoberta, a identidade de género, a orientação sexual e o desenvolvimento do ser humano. As profissionais também mostram encarar a ES segundo a perspetiva do modelo biográfico e profissional, ao verem a sexualidade como um potencial humano e defenderem a existência de diferentes biografias sexuais (ENFER: *“Para mim a ES é todo o conjunto de conhecimentos que eu tenho e que eu disponho para viver a minha sexualidade de uma forma segura, saudável e positiva (...) positiva porque estou a promover a minha saúde e encontrar formas hum, formas prazerosas e... e positivas de... de... de me viver e de me satisfazer e de me expressar”*; PSIC: *“a sexualidade deve ser, prontos, experienciada por cada um à sua forma”*).

Por fim, relativamente à ES realizada em meio escolar, os jovens revelaram algumas críticas à mesma por esta se focar numa vertente de risco e negativa da sexualidade (J2: *“a maneira como nos é dado na escola é bastante direcionado à reprodução”*; J2: *“aos rapazes ensinam a por um preservativo, às meninas ensinam a tomar a pílula e a dizer que não”*), e deixar de parte temas como a orientação sexual e as competências para as relações (J4: *“os limites dos outros (...) eu tive ES na escola e não me ensinaram nada disto”*). Defendem, então, que quando é realizada ES ela deve incluir mais temas além das IST’s e gravidezes não planeadas, pois, de facto, a ES *“vai além da educação sobre reprodução, riscos e doenças”* (UNESCO, 2019, p.18). Além disto, os jovens mostram um processo de empatia com os docentes, referindo que estes talvez não tenham as ferramentas necessárias para informar os alunos uma vez na sua juventude provavelmente não terem tido acesso a informações sobre sexualidade, por serem de uma época em que estes assuntos não eram, de todo, abordados (J6: *“os professores (...) não têm ferramentas suficientes para nos conseguir transmitir hum estes problemas que, que têm de ter uma solução”*; J2: *“não posso culpar a escola, também, porque eles não têm, sinto que são da época em que isto foi muito tabu e ainda sentem que não devem falar sobre isto”*). Isto converge com a investigação de C. L. Silva et al. (2022), onde vários docentes admitiram nunca terem recebido informações relacionadas com a ES durante a sua juventude. Também segundo o BZgA/IPPF (2018), a formação de professores de ES tem sido negligenciada. Por este motivo, os inquiridos apontam que os jovens são a solução para a falta de informação sobre sexualidade (J2: *“acaba por sermos nós, no futuro, a ensinar melhor aos nossos filhos e... aos nossos irmãos e assim”*). Torna-se relevante o interesse dos alunos em terem ES e abordarem diversificados temas que, segundo as suas perspetivas, não são abordados na escola. Além disto, é evidenciado o desejo de contribuírem para a melhoria da ES no futuro. Também para as profissionais a ES em meio escolar fica aquém das suas perspetivas, sendo o projeto ESA descrito como *“uma coisa tão superficial”* (PROF). Algumas críticas prendem-se com o focar-se quase exclusivamente numa vertente de risco, como já apontado noutros estudos (e.g. Leite, 2020; Rocha & Duarte, 2015), não ser inclusiva, não ir ao encontro das necessidades dos jovens, ter pouco carga horária e, mesmo assim, não ser cumprida na totalidade e não chegar a todos os alunos (PROF: *“como o meu filho andou numa escola de, de... de freiras o ESA não foi permitido”*). Perante isto, a professora, por ter formação mínima suficiente e informações, principalmente a partir do momento em que se tornou mãe de um jovem trans, decidiu criar um

projeto para auxiliar os alunos. No entanto, este não foi aprovado devido ao conservadorismo da escola. Ao analisarmos as falas das profissionais, percebemos que estas também se focam exclusivamente no projeto ESA, embora a professora também aborde questões sobre sexualidade nas suas aulas de Inglês. Apesar de não mencionarem a transversalidade disciplinar na realização de ES, a enfermeira e a psicóloga parecem ser apoiantes deste modelo:

ENFER: *“podia ser (...) mais longitudinal e transversal a todos os anos”*

PSIC: *“ES devia estar no programa de educação, mas, lá está, estar de uma forma subtil, ser dado como, por exemplo, numa aula de matemática ser posto um problema “X pessoas, sei lá, são inférteis””*

Na realidade, é exatamente isto que a Lei n.º60/2009 regulamenta (Diário da República, 2009). No entanto, como já referido, parece que o abordar de forma subtil questões de ES em várias disciplinas passa de forma despercebida para os mais novos.

### **3.2. Expectativas e experiências sobre a série *Sex Education***

Muitos jovens decidiram ver a série *Sex Education* por ter-lhes sido recomendada, ser famosa, pelo próprio título (J2: *“foi só pelo nome”*) e também pelas temáticas abordadas (J6: *“são tudo temáticas que eu gosto e, portanto, achei prudente vê-la”*). Já os motivos que levaram as profissionais a vê-la prendiam-se, maioritariamente, com a recomendação por outrem, a aquisição de conhecimentos (ENFER: *“percebermos que tinha muito a ver com o nosso trabalho e que nós íamos aprender muito mais com aquilo”*) e também curiosidade. Quanto às expectativas, para alguns jovens elas foram correspondidas e para outros até foram superadas (J2: *“a série passou as expetativas”*; J3: *“confesso que a última temporada superou totalmente [as expectativas]”*). No entanto, para uma jovem, a série ficou um pouco aquém. Como ela explica: *“pensava que no fim da primeira temporada eles iam ter uma, uma aula sobre o mesmo, sex education, mas isso não aconteceu”* (J7) e houve também quem não as tivesse criado (J4: *“eu acho que não criei expectativas (...) por acaso não pensei em nada”*). Já a psicóloga revelou que, inicialmente, não estava a gostar desta produção, mas após visualizá-la, referiu corresponder às suas expetativas embora não na totalidade (PSIC: *“correspondeu (...) mas, por outro lado, hum não correspondeu na globalidade”* (PSIC), pois queria que tivessem sido abordados mais temas. Contrariamente, a enfermeira referiu que ficou surpreendida por a série ser educativa e falar sobre o desenvolvimento da sexualidade nos jovens de uma forma aberta e

descontraída (ENFER: “*estava à espera de ver uma série que falasse sobre o desenvolvimento da sexualidade nos jovens, mas não assim desta maneira tão aberta, tão... tão alternativa, (...) não esperava que a série fosse tão educativa e ao mesmo tempo tão alternativa*”). A professora partilhou da mesma emoção pois revelou ter ficado “*muito surpreendida no sentido positivo*” (PROF).

No que diz respeito à apreciação da *Sex Education*, os jovens revelaram terem ficado agradados da série por esta ter uma história cativante e ser realista e educativa (J9: “*a série trata de problemas muito reais e trata-os de uma maneira real*”; J1: “*uma pessoa aprende bastante*”). Além disto, para eles a série aborda de uma forma natural temas importantes e que são tabu. Também as profissionais avaliaram a série como muito boa realçando, tal como os mais novos, a sua capacidade educativa e realística (PROF: “*tem a vida dos jovens atuais*”; PSIC: “*isso é o benefício da série, pegar por coisas que são recorrentes e que são comuns a muitos jovens e tentar transpor*”). Ademais, destacaram ainda que os espetadores se identificam com a *Sex Education* e que esta aborda diversos assuntos de forma inclusiva. Na generalidade, a maior parte dos jovens referiram não ter críticas a fazer a esta produção. Porém, alguns mencionaram certos pontos menos positivos relacionados com o enredo e com a breve abordagem a alguns temas (J1: “*nem sempre explica (...) e não informa assim a cem por cento, eu acho*”; J7: “*eu acho que há ali partes que podiam ser um pedacinho melhor trabalhadas*”). Ora este foi também um ponto menos positivo apontado pelas profissionais (ENFER: “*Eles abordam, mas eu acho que podiam terminá-los com mais informação*”; PSIC: “*às vezes, as coisas eram introduzidas de uma certa forma e deixavam ali hum a dúvida, hum quando podia ser um bocadinho mais esmiuçado*”), o que, na opinião da enfermeira, “*pode deixar coisas no ar por responder e pode ser perigoso*” (ENFER). A linguagem neutra é outro aspeto que, na opinião da psicóloga, poderia ser melhorado (PSIC: “*“és linda” e isto não pode ser traduzido assim, pode ser “és uma pessoa linda” ou “és linde*”) além do *bullying*, por achar que a série o retrata de uma forma positiva. Por fim, esta profissional alerta ainda para a desatualização da série quanto ao termo doenças sexualmente transmissíveis (PSIC: “*DST’s (...) essa nomenclatura já caiu em desuso e deve-se referir sempre hum IST’s*”). Quanto a novos temas a serem introduzidos numa próxima temporada, os jovens acham que a *Sex Education* deve continuar a explorar a sexualidade e as diferentes vertentes da mesma e, por isso, introduzir a transsexualidade, além das perturbações do comportamento alimentar (J3: “*se calhar, hum doenças assim mais para a parte alimentar,*

de mais psicologia também, a nível da anorexia e muito mais disso”), do bullying, da violência doméstica e do consumo de substâncias. Ademais, os jovens sugeriram o aprofundamento de alguns tópicos como as IST’s, a gravidez não planeada, as aparências (J2: “abordar mais, por exemplo, a questão de, por exemplo, a Ruby, ela dá a entender que é rica e ela realmente não é”) e o aborto (J2: “com esta... confusão agora do aborto nos Estados Unidos (...) gostava que introduzissem o tema outra vez porque, se calhar, pudesse mudar a opinião de mais alguém”). As profissionais, tal como os mais novos, concordaram que a transexualidade deveria ser abordada numa próxima temporada (PSIC: “Introduziria a parte do que é que é hum ser trans”), assim como a “expressão de género”, a “identidade de género”, as “pessoas intersexo” (PSIC: “Pessoas intersexo nós damos sempre que é o nome de... hermafrodita. Hermafrodita está errado, (...) era importante, por exemplo, esta série dar alguma informação nesse sentido”), o não binarismo, as dificuldades e o prazer sexual em casais homossexuais lésbicos, outras formas de relação sexual (ENFER: “era interessante ver explorado outras formas de prazer para desmistificar o que é relação sexuais”) e o consumo de substâncias.

### **3.3. Impacto da série *Sex Education* nos jovens**

Certos jovens questionaram-se sobre diversificados assuntos aquando da visualização de *Sex Education*, nomeadamente respeitantes a toda a história e clima da série (J1: “eu questioneei se aquilo realmente acontece tipo, se os adolescentes realmente têm aquela vida todos os dias e andam sempre naquela loucura e etc.”), à “própria sexualidade” (J3) e ao assédio sexual e auxílio perante o mesmo (J7: “Fez-me questionar porque ela estava ali no autocarro, ela pediu ajuda e as pessoas à volta olharam para ela de lado. Isso fez-me questionar o porquê, porquê? Ela estava ali, claramente aflita, e ninguém fez nada, o que é que se está a passar?”). Estes resultados mostram que os jovens não são simples espetadores que aceitam tudo o que lhes é transmitido, mas que são críticos, que refletem e que se questionam sobre os conteúdos que lhe estão sendo apresentados. No fundo, reflete que os jovens entrevistados têm, pelo menos, algumas capacidades relacionadas com a literacia mediática (Scull et al., 2018). A produção em estudo fez também com que alguns jovens realizassem pesquisa acerca de diversos temas (J2: “a série fez com que me interessasse mais sobre estes temas e que pesquisasse sobre eles”). Eles referiram que investigaram sobre o vaginismo, a masturbação feminina, as IST’s, as pessoas não binárias, a homofobia internalizada, a transexualidade, o termo transgénero, o uso dos pronomes e o ato sexual entre parceiros homossexuais. Quanto às fontes a que recorreram para a pesquisa,

estas prenderam-se maioritariamente com os *media*, mais concretamente com a *internet* (J2: “*O Google*”; J3: “*Google*”; J4: “*Usei a internet*”; J6: “*eu fui ao Wikipédia*”; J9: “*foram os tais artigo*”), tendo os jovens revelado o seu desconforto em questionar os adultos (J2: “*não era confortável o suficiente para irmos a um médico, um ginecologista*”; J3: “*Na altura não me sentia confortável o suficiente para realmente ir falar com uma pessoa que soubesse mais sobre o assunto*”). Isto reflete, novamente, a dificuldade ainda existente em se iniciar conversas relacionadas com o tema da sexualidade, principalmente com adultos. Além disto, mostra que os *media* são verdadeiros aliados dos mais novos quanto à exploração destes temas, o que já vem sendo encontrado na literatura (e.g. Coyne et al., 2019; Smith et al., 2016).

De modo geral, todos os jovens acreditam que a série *Sex Education* consegue desconstruir mitos, embora uns tenham dado respostas mais seguras (J2: “*Ah, sim, completamente*”) do que outros (J1: “*Hum... Se ela desmente? Eu acho que talvez sim*; J8: “*Talvez... Sim*”). Segundo os mesmos, podem ser quebrados mitos relativos à vivência da sexualidade, nomeadamente em pessoas com incapacidades (J2: “*A Maeve teve interesse naquele rapaz de cadeira de rodas e confesso que também, no início, fui um pedaço ignorante “ah, mas ele tem cadeira de rodas, não sei quê”, mas depois a Maeve quando lhe beijou na cadeira de rodas eu senti que o meu pensamento mudou completamente porque não tem nada a ver se ele está numa cadeira de rodas ou não*”), à masturbação, em particular à masturbação feminina (J4: “*a Maeve esteve a explicar que muitas das raparigas não têm (...) o orgasmo através da penetração e que muitas vezes é preciso estimulação do clítoris e etc. e isso parecendo que a masturbação feminina é um, um tema que não se fala, que é... é mentira para toda a gente, perceber que eles (...) dão-nos a conhecer a realidade de muitas mulheres é... é incrível*”), e IST’s. Além destes, acrescentam-se ainda a desconstrução de crenças no que toca à orientação sexual, aos papéis de género e à aparência. Maioritariamente, os jovens defendem que é através da exposição às situações e das personagens que se evidencia a realidade e se quebram os mitos (J1: “*eu acho que é através de, de certas personagens que, por exemplo, há uma personagem que representa uma certa sexualidade, outras representam certas situações e através delas vão mostrando como é que é na realidade*”). Relativamente às profissionais, as respostas foram unânimes no sentido em que, da mesma forma que os jovens, acreditam que este projeto de ficção dissipa falsas crenças. Segundo elas, essas falsas crenças relacionam-se com a orientação sexual (PSIC: “*desconstrói a ideia que (...) eu sou um homem, tenho uma*



*experiência sexual com outro homem, só por ter essa experiência já sou gay*”), a relação sexual, nomeadamente no que respeita à primeira vez (ENFER: “*não romantizaram a primeira vez (...) de repente aqui, nesta série, vemos a primeira vez representada de maneiras que, se calhar, um pouco mais realistas*”), com as diferentes formas de relação sexual e à *performance* (PSIC: “*Desconstrói também a parte da impotência sexual, hum de nós comparamos a nossa vivência da sexualidade com filmes pornográficos e que isso exige uma alta performance*”). Ademais, referiram que a série quebra ainda mitos referentes às IST’s e ao assédio sexual. Quanto à forma como são desconstruídas estas falsas informações, apenas a enfermeira deu a sua perspetiva, referindo que “*é através de personagens que a série nos mostra e desconstrói os mitos e as crenças*” (ENFER). Perante isto, é possível perceber-se que a série tem a capacidade de fornecer informações para dissipar mitos, o que corresponde a um dos objetivos da ES de acordo com o projeto SAFE - *Sexual Awareness For Europe* - (International Planned Parenthood Federation [IPPF], 2006). Houve jovens que admitiram identificar-se com personagens e situações representadas na série: J1: “*eles estão sempre ali uns com os outros a falar sobre essas coisas e eu também tenho muito isso com os meus amigos*”; J2: “*muitas vezes [identifiquei-me] com a Maeve*”. Outros revelaram tal não ter acontecido, acreditando, no entanto, ser possível ocorrer para outras pessoas (J7: “*eu não me identifiquei com nenhum caso, mas eu acredito que haja pessoas que se identificam porque tem ali situações do dia a dia*”). Uma vez os jovens terem descrito esta produção como realista, não é surpreendente que muitos deles se tenham conseguido rever na mesma. Esta identificação com personagens ou situações ilustradas na *Sex Education* poderá auxiliar os jovens no seu processo de construção da identidade, pois segundo Erikson (1968, cit. in Cohen, 2001, p. 249) “a identificação com os meios de comunicação social permite-nos experimentar a realidade social a partir de outras perspetivas e, assim, moldar o desenvolvimento da autoidentidade e das atitudes sociais”. Ademais, o processo de identificação com personagens de livros ou dos *media* alarga os horizontes emocionais e as perspetivas sociais dos indivíduos. Isto parece ter acontecido com uma das jovens que tinha medo de ter mais do que um parceiro sexual ao longo da sua vida, por achar que os seguintes poderiam pensar que não era pura: J2: “*comecei-me a descolar destas tendências agora, de que uma mulher só pode ter poucos parceiros e... desconstruí esse medo graças à Maeve*”. A perspetiva social desta entrevistada alterou-se por partilhar da perspetiva da personagem Maeve.

Quanto à vivência da sexualidade, algumas formas foram, de facto, novidade para certos jovens, nomeadamente falar sobre o tema de forma aberta, sentir vergonha durante o orgasmo (J4: *“estavam a ter relações sexuais e a rapariga não gostava que o rapaz visse a reação dela quando ela se vinha. Isso, para mim, para mim isso nunca, nunca tinha pensado que isso realmente podia acontecer”*) e a prática da masturbação. Por ser novidade, percebe-se que tais assuntos provavelmente nunca tenham sido abordados na vida dos jovens ou estes não se recordem de tal ter sido explorado. O falar abertamente sobre sexualidade volta a ser visto como uma novidade transmitida pela série, o que reforça a ideia já referida de que a nossa sociedade continua a manter um clima de desconforto quanto ao tema sexualidade. No que concerne à comunicação, esta faz parte do domínio comportamental da ES (Matos et al., 2014) e alguns jovens admitiram que a *Sex Education* teve um impacto positivo na sua comunicação sobre sexualidade. Tal aconteceu porque consideram ser mais fácil abordar a sexualidade como um tema de uma série do que começar simplesmente uma conversa sobre tal assunto (J5: *“Porque (...) ao ver um tema como uma série, é mais fácil de haver conversa sobre isso do que apenas começar uma conversa sobre sexualidade”*) e porque a série mostra as consequências que advêm de comunicarmos ou não as nossas dúvidas. Ademais, segundo os jovens, a série demonstra que a sexualidade não é um tabu e ajudou-os a abordar o tema de uma maneira natural. Alguns referiram mesmo que após a visualização da *Sex Education* começaram a ser mais ativos no que toca à comunicação sobre sexualidade e conseguiram-se expressar melhor nas relações (J6: *“fez-me ser mais aberto hum conseguir comunicar de uma forma mais acessível, dizer aquilo que eu gosto, aquilo que não gosto, aquilo que me sinto preparado, aquilo que não me sinto preparado”*). Por outro lado, para alguns participantes, esta série não teve muito impacto no campo da comunicação porque já falavam abertamente sobre estes temas, notando, no entanto, que as pessoas à sua volta começaram a abordar mais estas questões (J3: *“achei interessante que a partir do momento que a série saiu outras pessoas começaram a ver e também começaram mais a falar comigo sobre isso, abertamente, e não ficar tão constrangidas de eu falar à vontade sobre o assunto”*). Assim, percebe-se novamente que a série é capaz de cumprir com alguns objetivos da ES, nomeadamente aprender a expressar necessidades e sentimentos (WHO/BZgA, 2010) e *“desenvolver uma comunicação mais clara nas relações interpessoais”* (Maia & Ribeiro, 2011, p.79). As profissionais partilham da visão dos jovens. Tal como eles, elas acreditam que a série auxilia os mais novos a comunicarem mais

abertamente sobre sexualidade porque mostra que este tema não é tabu e porque esta produção pode servir como mote para que se tenham conversas sobre sexualidade de forma menos embaraçosa (PSIC: *“é muito mais fácil nós termos uma conversa de café a falar sobre uma série, não é tão invasivo”*). Ademais, segundo as mesmas, a *Sex Education* pode ser usada como *isco* para estabelecermos conversas e obtermos opiniões sobre temas importantes para nós sem nos referenciarmos. Por fim, pode dar ainda a oportunidade de alguém conseguir, através da série, abordar mais facilmente algum assunto que se relacione consigo (PSIC: *“se eu falar “ai, a Aimee teve um caso de assédio, isto foi assim, assim e assim”, se calhar, tenho mais abertura para alguém me dizer “olha, eu também passei por isso”*).

Além da sociedade, muitos jovens veem a sexualidade como tabu devido a mensagens dos seus pais que transmitem que este é um assunto de cunho pessoal, um problema que deverá ser resolvido apenas pelo próprio (Rosa et al., 2021). No que concerne à série, a maioria dos jovens acredita que esta incentiva a comunicação entre filhos e progenitores devido à boa comunicação existente entre estas personagens (J6: *“baseio-me, essencialmente, na relação que o Otis tem com a mãe que é uma relação boa”*; J6: *Eu acho que o pai e ela também têm uma ótima relação*). Houve jovens que recomendaram a visualização da *Sex Education* aos pais, outros que viram a série com eles e uma entrevistada que mencionou ter começado a falar com a mãe sobre os temas da sexualidade graças à série (J2: *“recentemente, graças à série, comecei a falar mais com a minha mãe sobre este tema falamos abertamente sobre o assunto graças à série”*). Quando existiram conversas entre pais e filhos sobre esta produção, elas envolveram temas como a orientação sexual e a identidade de género. Todavia, muitos jovens não falaram com os progenitores acerca desta série, explicando que têm pais conservadores e que estes iam achar que a *Sex education* não trata de temas adequados às suas idades (J4: *“ia ser “ah ok, viste essa série, fogo, a sério? Isso nem sequer fala de coisas para a tua idade”*). Por fim, acrescentaram ainda que reconhecem que os pais ficam envergonhados ao falar destes temas e que, muitas vezes, os filhos decidem não os abordar com medo de julgamentos e falta de compreensão, o que corrobora a literatura, pois os progenitores por vezes sentem-se desconfortáveis em falar de temas relacionados com a sexualidade (European Expert Group on Sexuality Education, 2016) e os jovens evitam esses diálogos com receio de serem julgados (Grossman et al., 2021). Na perspetiva das profissionais, a *Sex Education* incentiva a comunicação entre jovens e pais sobre sexualidade porque exhibe exemplos de bons pais e mostra

a importância da comunicação com os progenitores (PSIC: “*porque nesta série temos pais hum praticamente todos espetaculares*”; ENFER: “*Temos diversos exemplos de diversas famílias onde a comunicação com (...) os nossos cuidadores hum... é importante*). No entanto, a psicóloga evidencia algumas dúvidas (PSIC: “*mas hum... não sei se incentiva todos os jovens e se todos vão hum identificar-se com aquele género de pais*”). Como se pode constatar pelas entrevistas, a comunicação entre a juventude e os seus pais sobre temas relacionados com a sexualidade parece ainda ter algumas lacunas. No entanto, esta série poderá servir como uma demonstração da importância de tais diálogos e despoletar estas conversas entre os telespectadores jovens e os seus pais, uma vez, na opinião da maioria dos entrevistados, a *Sex Education* representar de forma bastante positiva a interação entre progenitores e filhos quanto aos temas relacionados com a sexualidade. Aliás, é de facto importante que se demonstre a relevância das discussões sobre a sexualidade entre pais e filhos, pois a literatura mostra que estas associam-se a resultados positivos como a aquisição de comportamentos de proteção (Flores & Barroso, 2017). Ora, a grande maioria dos jovens concorda que este conteúdo multimédia também contribui para a adoção de tais comportamentos por abordarem o tema da segurança. Segundo eles, a série faz referência ao uso do preservativo e quebra a “estranheza” da sua utilização. Outros temas tratados são o aborto e como fazê-lo de forma segura e a gravidez na adolescência, o que pode incentivar ao uso de métodos contraceptivos (J5: “*Por exemplo... o caso da Maeve, quando ela engravida, hum... incentiva mais ao cuidado de preservativo, métodos contraceptivos*). É exibida também uma cena em que um rapaz é alérgico ao preservativo, o que pode mostrar a importância de ter um maior cuidado e ir ao médico. Há ainda quem defenda que a série contribui para a vivência da sexualidade de forma mais segura porque ela desconstrói vários assuntos e porque existe uma personagem que é sexóloga e, por isso, podemos servirmo-nos das informações fornecidas por ela na nossa vida (J5: “*A mãe do Otis (...) como ela é terapeuta sexual também há (...) aspetos que ela fala na série que podem ser utilizados para a vida real*”). Por fim, embora em menor número, alguns entrevistados justificaram não achar que esta série contribua para a aquisição de comportamentos de proteção porque não é uma aula de ES e o facto de visualizar não significa que vá pôr em prática na sua vida. Para as profissionais, é unânime que os jovens podem adquirir, através da série, comportamentos de proteção. Tal é possível porque são abordados temas relacionados com o cuidado e com a segurança como, por exemplo, os métodos contraceptivos, fazendo ainda

referência aos riscos (PROF: “*ensina (...) a ter cuidado com (...) os perigos que existem*”). No entanto, para a enfermeira, apesar de esta ser uma série que promove a saúde e aborda formas positivas de vivermos a sexualidade, a prevenção do risco podia ser abordada de forma mais clara (ENFER: “*podia-se mostrar aos jovens como é que se responde e como é que se comporta perante uma situação de pressão porque o uso do preservativo ainda é um problema por causa da pressão do par que não quer usar*”).

A *Sex Education* fez com que alguns jovens refletissem sobre as suas vidas (J7: “*fez-me pensar um pedacinho sobre a minha vida do dia, que estava a acontecer à minha volta, sim, sim.*”) e relações, nomeadamente sobre a vida sexual e a sua iniciação (J2: “*Quando iniciei a série, não tinha iniciado ainda a minha vida sexual, mas fazia-me refletir sobre o como seria*”), o querer explorar-se a si próprio e aos seus parceiros, a própria sexualidade (J9: “*e eu acabei por hum eu própria descobrir a minha sexualidade hum também falando mais com as pessoas e vendo também, pronto, os casos representados*”) e os relacionamentos. Para certos jovens, esta produção também os ajudou nas relações românticas, notadamente ao nível da comunicação, da expressão das suas necessidades e da própria atividade sexual. A série também proporcionou aos jovens novas aprendizagens relacionadas com a anatomia humana (J3: “*não sabia que existiam várias vulvas*”), com as relações (J4: “*eu aprendi hum que nós não devemos aceitar menos do que aquilo que merecemos*”), as especificidades das experiências de cada um, as disfunções sexuais (J2: “*acho que nós, mulheres, não sabíamos o que era isso [vaginismo]. Eu sei que uma amiga teve, mas só descobrimos o que realmente era depois de ver a série*”), a masturbação, a identidade de género (J4: “*a parte do ser não binário porque isso é uma coisa que eu nunca percebi*”), a questão dos pronomes, a comunicação, a lavagem anal (J6: “*a limpeza antes de um ato sexual quando vamos ter sexo anal, que isso é algo que eu nem fazia a mínima ideia e a série trouxe-me isso*”), a própria relação sexual, a emancipação feminina, a pansexualidade e a homofobia internalizada. Para outros, a série não proporcionou novas aprendizagens, mas aprofundou alguns temas, incentivou-os a quererem saber mais e esclareceu algumas dúvidas. Estas prendiam-se com o não binarismo, o processo de aborto, o futuro de crianças com pais toxicod dependentes e a assexualidade. Houve ainda jovens que afirmaram terem esclarecido dúvidas através da série, mas já não se recordarem das mesmas (J2: “*Concretamente quais foram não consigo. Mas sim, esclareceram dúvidas*”) e outros que, embora não tenha sido o seu caso, acreditam que ela possa ser um bom meio para tal. Quanto às

profissionais, estas acreditam que os jovens adquirem conhecimentos relacionados com a sexualidade, relações sexuais, métodos contraceptivos, IST's, ES, orientação sexual, comunicação, diferenças culturais e estratégias de *coping* (ENFER: “*acho que eles aprendem muito em termos de resolução de problemas, hum mecanismos para resolver os seus problemas*). Além disto, acreditam que a série é capaz de normalizar as experiências dos jovens nomeadamente os “medos”, “*a insegurança (...) e a mudança*” (ENFER), e ser possível para os mesmos esclarecerem dúvidas sobre sexualidade através da mesma.

Muito do que foi explorado nesta categoria prendeu-se com alterações de crenças, aquisição de novas aprendizagens, perspetivas e comportamentos e mudanças de atitudes. Isto pode ser explicado, por exemplo, através da Teoria Social Cognitiva de Bandura, que defende que é possível a aquisição de comportamentos, valores e crenças através da observação de modelos, o que se denomina por modelação (Bandura et al., 2008). Assim, através da visualização da *Sex Education*, os jovens podem deparar-se com novas perspetivas e serem persuadidos a identificarem-se com elas, o que pode levar a mudanças de atitudes. A exposição a um modelo pode aumentar o repertório de respostas de um indivíduo (Bandura et al., 2008) e levar o espectador a desempenhar respostas semelhantes às do modelo (ENFER: “*há pessoas que têm problemas na masturbação e com o orgasmo ou com a disfunção erétil e, com os personagens da série, descobrem (...) como é que podem ultrapassá-lo*). No entanto, a aprendizagem por modelação requer atenção, retenção, reforço e motivação. Isto corrobora a visão de entrevistados que referiam que só o facto de visualizar o comportamento não significa que a pessoa o adote, pois é necessário que tenha estado atenta, se lembre do mesmo e o reproduza (Bandura et al., 2008). Por fim, a mudança de comportamento também poderá surgir através do reforço vicariante (Bandura et al., 2008). Por exemplo, os jovens ao verem na série as consequências positivas da comunicação entre pais e filhos, podem ser instigados a comunicarem também eles com os seus pais. Pelo mesmo mecanismo, os jovens ao visualizaram as consequências da (não) utilização de métodos contraceptivos, podem ser incentivados ao uso dos mesmos. No entanto, o processo de aprendizagem e aquisição de (mudanças de) comportamentos e de atitudes poderá ocorrer de variadíssimas formas e ser influenciado por diferentes variáveis e não só através da exposição a modelos. Por exemplo, o *Composite Model of attitude-behavior* sugere uma ligação entre atitudes, intenções e comportamento, sugerindo uma série de fatores que afetam as atitudes relativamente aos comportamentos, nomeadamente

os hábitos, as atitudes relativamente ao alvo do comportamento, as recompensas e punições associada ao desempenho do comportamento, a aprovação ou desaprovação de outros relativamente a um certo comportamento e como o desempenho do comportamento poderá influenciar a nossa identidade (Maio et al., 2019). Deste modo, os jovens ao verem a *Sex Education* podem ter em conta algumas destas variáveis elencadas aquando dos processos de decisão sobre a adoção ou não de (novos) comportamentos e atitudes visualizados na série.

### 3.4. Utilização da série *Sex Education* na intervenção com jovens

A *internet* e as plataformas de *streaming* são tecnologias que podem servir como um valioso meio para a educação (R. A. Silva, Henrique & J. G. Silva, 2020). Deste modo, as profissionais revelaram que recomendam aos jovens a visualização da *Sex Education*, uma vez esta auxiliar na resolução de problemas (ENFER: “*Porque é uma forma de eles obterem (...) soluções, de eles se aperceberem de mecanismo de coping...*”) e ser útil para explorar temas relacionados com a sexualidade. Na generalidade, os jovens concordam que a série é útil na intervenção com indivíduos da sua faixa etária porque aborda os temas de uma forma clara e natural e é educativa (J3: “*tem vários assuntos que são bastante abordados e de formas corretas, o que (...) dá para educar*”). Acreditam que a série é uma forma diferente e mais entusiasmante para aprenderem do que estar numa sala a ouvir um professor (J7: “*é uma maneira divertida de eles [os jovens] aprenderem e lúdica*”; J7: “*normalmente, [os jovens] não costumam querer estar numa sala a ouvir uma pessoa a falar sobre isso*”). Isto reforça o potencial da série para servir como recurso na ES. Foi referido também que esta produção é útil por representar situações que raramente vemos representadas e normalizá-las, o que contribui para que os jovens tenham uma mente mais aberta (J9: “*representa imensas coisas, algo que nunca, eu nunca vi representado noutra lugar hum e por isso uma pessoa hum quando está a ver algo que nunca viu está a aprender bastante, obviamente, e a abrir mais a mente*”). No entanto, há quem defenda que a *Sex Education* seria um bom método para intervir com jovens, mas não com todos, pois acreditam ser necessária uma certa maturidade para entendê-la (J6: “*é preciso ter uma certa maturidade para ver esta série*”) e ser igualmente necessário um acompanhamento de um profissional para explicar de forma mais pormenorizada os assuntos abordados pela produção em estudo. As profissionais, unanimemente, concordaram que esta série é proveitosa em intervenções com jovens, quer seja pela sua vertente educativa, quer pela forma como são abordados os assuntos (PSIC: “*fala das coisas de uma forma descontraída, linguagem super*

acessível”; PSIC: “*a série fala de coisas de uma forma tão banal*”). Além disto, nas suas visões, esta série encara a sexualidade de uma perspectiva positiva (PSIC: “*a Sex Education está muito bem por causa disso porque não retrata e retrata muito pouco hum os malefícios ou as coisas prejudiciais, aliás, tenta lhe dar uma volta muito bem-feita hum e... e não reprime os jovens*”) e tem a capacidade de quebrar preconceitos e normalizar experiências. Apesar de tudo isto, a enfermeira salienta que é importante os jovens perceberem que, apesar de a série espelhar muitas vezes a realidade, estes assuntos nem sempre se abordam assim tão facilmente como mostrados pela mesma (ENFER: “*é importante que [os jovens] percebam que (...) não é um modelo real da realidade, ou seja, (...) tem ali momentos que são... são o espelho da realidade, mas eles têm de ter cuidado, nem tudo se aborda assim tão facilmente e nem toda a gente viu o Sex Educaion*”). Deste modo, segundo os participantes a mais valia desta série para servir como recuso na ES prende-se com a sua naturalidade em abordar os temas da sexualidade com uma linguagem simples e convidativa, apresentando-a de uma forma educativa e positiva, tal como o modelo biográfico e profissional defende (Sánchez, 2005). Isto acaba por corresponder igualmente a um dos objetivos da ES: capacitar os jovens com competências e valores positivos sobre a sexualidade (Dias & Matos, 2013).

Quanto à utilização da série pelas profissionais, a psicóloga já recorreu à mesma para intervir com jovens (PSIC: “*eu utilizo muito o vídeo da assexualidade*”; PSIC: “*utilizamos algumas imagens da série ou alguns cliques*”) ao contrário da enfermeira e da professora. No entanto, todas exploraram ideias de como poderiam servir-se da *Sex Education* para chegar aos jovens. A enfermeira referiu que uma forma de a utilizar seria em acompanhamentos longitudinais de grupo (“*Se tivesse um grupo que vinha assiduamente (...) eu fazia uma grande insistência para ver a série e para irmos discutindo*”), onde o trabalho de casa poderia ser verem a série para, posteriormente, discuti-la. Isto permitira também que a profissional abordasse questões sobre a saúde sexual. A psicóloga mencionou que seria possível pegar em diferentes excertos da série e abordar os temas que lá são tratados, sendo possível uma abordagem mais virada para a parte LGBTI, se assim quiséssemos. Ademais, considera que a *Sex Education* pode ser útil no processo de empatia entre psicólogo-cliente e ser uma forma para o indivíduo trazer dúvidas ou questões e trabalhá-las com ele (PSIC: “*pode ser uma forma (...) de empatizar com o cliente e também pode ser uma forma hum de a pessoa trazer dúvidas, questões e trabalhar sobre elas*”). Por fim, a docente também se referiu ao uso de excertos de forma a



esclarecer dúvidas dos alunos (PROF: *“Poderia usar algum excerto da série (...) em que houvesse uma sessão, um diálogo entre a psicóloga e alguém que tirasse uma dúvida que tivesse sido colocada na aula, por exemplo”*). Finalizando, professores, médicos, nomeadamente médicos de família e ginecologistas, psicólogos, enfermeiros e terapeutas sexuais são elencados pelos adolescentes entrevistados como profissionais que poderiam utilizar a *Sex Education* para intervir com jovens ao nível da ES. Quanto a formas de intervir, os jovens mencionaram que os profissionais poderiam aconselhar a visualização da série ou utilizá-la como um exemplo através de certos episódios, situações ou excertos para corroborar a informação fornecida aos mesmos (J6: *“usariam a série hum como um exemplo ou como algo que corrobore determinadas, determinados argumentos, por exemplo”*). Além disto, ao longo dos acompanhamentos os jovens poderiam ir partilhando as experiências e dúvidas caso surgissem. Já no caso específico dos médicos e enfermeiros, estes poderiam intervir através de ações de sensibilização. Relativamente aos professores, estes utilizariam a série como um estímulo para introduzir e aprofundar os temas tratados na série (J1: *“como eles sabem que nós vemos muitas séries (...) era uma boa forma de “ah, pegar numa série que os jovens adoram, porque os jovens adoram ver séries e, se calhar, usar uma coisa que eles gostem para explicar algo muito mais a fundo”*), abordando ainda assuntos não abrangidos pela mesma. Outras sugestões dadas foram a realização um debate em torno da série (J6: *“fazer mesmo um debate, hum trazer argumentos e servir-se da série com bons exemplo”*) e, através da mesma, retirar tópicos e efetuarem-se intervenções com trocas de informações entre os alunos (J6: *“intervenções entre a turma, onde aqueles que sabiam sobre informação podiam educar uns aos outros”*) podendo esta revelar-se uma forma mais cómoda e menos constrangedora de abordar estes assuntos. Uma ideia adicional seria os alunos visualizarem a série e realizarem uma peça de teatro relacionada com os assuntos abordados na mesma. Por fim, uma jovem declarou achar que a utilização deste conteúdo multimédia por parte dos professores pode facilitar-lhes o trabalho e fazer com que se sintam mais confortáveis na explicação das temáticas (J2: *“Sinto que o trabalho deles ia ser muito mais fácil e, como não eram eles a introduzir o tema, eles mostravam o tal vídeo da série, se calhar, sentiam-se mais confortáveis a explicar o resto”*).

Já segundo as profissionais, a série *Sex Education* poderia ser utilizada por professores, animadores socioculturais, enfermeiros, psicólogos, médicos, assistentes sociais e polícias para intervir com jovens. Quanto aos profissionais de saúde, estes poderiam, através de uma palestra,

passar excertos e estimular a conversa sobre os mesmos (PSIC: “*dar (...) uma palestra (...) passar um excerto e... e pedir para comentar “Que é que acham sobre isto? Já alguma vez viram?”*”) ou recomendar em recursos úteis. Relativamente à utilização da série no meio escolar, a enfermeira explica que teria de ser feito, primeiramente, um trabalho com os pais devido ao conflito intergeracional e ao facto de os progenitores ainda serem responsáveis pela educação dos seus filhos (ENFER: “*os pais ainda são responsáveis pela educação dos menores e essa é uma barreira que temos de desconstruir primeiro (...) para a seguir podermos disponibilizar isto para os estudantes*”), pois a ES não deve ser feita sem os pais nem contra os pais, mas com eles (Sánchez, 2005). A professora sugeriu que em reuniões de pais se mostrasse aos mesmos a importância da ES através de excertos e que os utilizássemos também na intervenção com os jovens, recomendando a visualização da série às famílias. Já a psicóloga, propôs que a série fosse visualizada na disciplina de Inglês ou utilizada num trabalho dessa mesma unidade curricular de forma a se desconstruir a parte dos pronomes. Outra alternativa seria fazer um ensaio sobre esta produção na disciplina de Filosofia. A *Sex Education* poderia igualmente ser introduzida no projeto ESA através da visualização de um episódio na aula ou como trabalho de casa, de forma a serem seguidos por aulas de discussão onde seriam abordados diversos assuntos (incluídos e não incluídos na série) e postas em prática atividades grupais (ENFER: “*Podíamos ter um episódio, uma aula de episódio, uma aula de discussão ou trabalho de casa, ver X episódio, vamos discutir e desenvolver atividades grupais onde, em função de cada episódio*”). Um debate seria uma possível atividade, realizada através de reflexões sobre diferentes situações ilustrada naquela produção e de outras, porque a série não aborda tudo. Para a enfermeira, a *Sex Education* poderia ser transversal e de visualização obrigatória, sendo introduzida no 3º ciclo e secundário e as temáticas abordadas de acordo com o ano escolar, pois é importante que os conteúdos de ES sejam adequados à idade e desenvolvimento dos jovens (BZgA/IPPF, 2018; UNESCO, 2020). Por fim, tal como referido por uma jovem entrevistada, a psicóloga concorda que ao se utilizar esta série como recurso na ES escolar, os professores sentir-se iam mais confortáveis em abordar os temas da sexualidade (PSIC: “*através de um episódio de Sex Education, mesmo eu, como professora, eu acho que sentia-me mais confortável*”).

Através desta última categoria é possível perceber-se que a série *Sex Education* é percecionada pelos participantes como um recurso válido para ser utilizado na ES com jovens. Esta pode servir como um ótimo estímulo à aprendizagem dos temas relacionados com a

sexualidade porque muitos adolescentes identificam-se com a série, reconhecem os seus conteúdos como educativos e consideram ser uma forma muito mais interessante de aprenderem (J4: *acabamos por nos identificar e é muito mais fácil aprender assim*”; J5: *“ao ser uma série acaba por ser mais interessante do que ir ao Google e pesquisar”*). Além disto, a série trata temas e questões que muitas vezes não são abordados na ES formal fornecida aos jovens, reduzindo esta lacuna de conhecimento (J7: *“saber que estou a ver uma série com aquele tema, sabendo que também é um pedacinho tabu e não é dado nas nossas escolas”* J2: *“a mim ensinou-me bastantes coisas que na escola não ensinam e acho que era super importante ensinarem”*). Por fim, os participantes revelam ser mais fácil abordar os temas da sexualidade tendo por base esta produção. Deste modo, utilizar meios audiovisuais relacionados com os tópicos de ES em estudo parece facilitar a participação dos jovens na discussão desses temas, o que pode fazer com que exponham as suas dúvidas e as suas curiosidades de forma menos constrangedora.

## CONCLUSÕES

Com a presente investigação, propusemo-nos a estudar o impacto da série *Sex Education* nos jovens, a utilização da mesma como um recurso pedagógico na ES e as representações dos participantes sobre a sexualidade e a ES, sendo o primeiro estudo sobre a *Sex Education* realizado em Portugal. Deste modo, no que toca à sexualidade, foi visível a falta de reflexão dos mais novos sobre o que realmente ela é. Isto poderá espelhar a parca abordagem do termo sexualidade na ES realizada com os mesmos, pois mostraram algumas dificuldades em explicitar o que esta expressão significava. Ficou claro que, para os entrevistados, tal como já referido em vários estudos (e.g. Bréda, 2020; Santos & Almeida, 2022), a sexualidade é encarada como um tabu na nossa sociedade, o que pode justificar a dificuldade evidenciada pelos jovens em recorrerem a adultos para sanarem as suas dúvidas e curiosidades sobre estes temas. De facto, os pais e professores, ao adotarem maioritariamente uma cultura de silêncio perante a sexualidade, acabam por contribuir para que os preconceitos e os tabus se perpetuem (Manchini et al., 2020). Ademais, ao não discutirem estes assuntos com os mais novos, acabam por promover a procura de informação e esclarecimento de dúvidas através de outros meios, como os *media*, onde nem sempre os conhecimentos transmitidos são os mais corretos, apesar de contribuírem para que se quebre o tabu, segundo os participantes (Manchini et al., 2020, Naser et al., 2020). Por estes motivos e porque os adolescentes são seres sexuais que desejam

expressar-se sexualmente e saber como ter relações sexuais (Dudek et al., 2022), torna-se relevante, segundo os jovens, que seja a escola a assumir o papel educativo no que à sexualidade diz respeito. Embora esta instituição já o faça, os participantes defendem que ela deve adotar uma vertente positiva e holística da sexualidade, tal como recomendado na legislação em vigor, e incluir novos temas, de forma que se alinhe com as necessidades e curiosidades dos jovens que mostraram dar grande valor à educação para a sexualidade. Com efeito, a própria UNESCO (2019) refere que os temas mais comumente tratados na ES são os relacionados com o sistema reprodutor humano, a prevenção de IST's, a gravidez e nascimento e a contraceção. Só esporadicamente são abordados o prazer e a diversidade sexual. Assim, o BZgA/IPPF (2018) recomenda uma maior abrangência de temas e o aperfeiçoando da formação e apoio a professores como forma de melhorar a qualidade dos programas de ES. Ainda relacionado com a ES, ficou claro que os jovens apenas a associam a aulas formais e estruturadas que abordem os temas da sexualidade. Assim, estes podem subvalorizar a ES recebida ao longo das suas vidas ao não identificarem a abordagem de objetivos da ES a um nível transdisciplinar ou num contexto exterior ao escolar.

Quanto ao impacto da série *Sex Education* nos jovens, foi perceptível, através da visão dos participantes no estudo, que é possível para os mais novos identificarem-se com as personagens, dissiparem mitos, realizarem novas aprendizagens, esclarecerem dúvidas, adquirirem novos repertórios de comportamentos e melhorarem a sua comunicação sobre sexualidade. Assim a série acaba por ser capaz de cumprir com alguns objetivos tidos pela ES, se tivermos em conta que esta visa fornecer informação sobre sexualidade e o comportamento sexual, com o objetivo de promover atitudes, comportamentos e valores saudáveis e positivos de forma a que os jovens usufruam desta vertente das suas vidas de forma plena, segura e responsável (GTES, 2007; Matos et al., 2014; WHO/BZgA, 2010). De facto, para Dudek et al. (2022) e Santos et al. (2020), a série sublinha a importância da comunicação e contribui indiretamente para a ES dos jovens, dado abordar de forma realista, acessível e responsável problemas reais que, muitas vezes, não são discutidos nos espaços familiares e educacionais por serem tabu. Também segundo Manchini et al. (2020), a produção torna possível para os espectadores desconstruírem crenças pré-concebidas e adquirirem conhecimento científico. Isto vai ao encontro da visão dos participantes que consideram a *Sex Education* um recurso valioso na prática de ES com jovens, por representar a sexualidade de forma positiva, inclusiva e livre

de preconceitos, ter uma linguagem clara e ser educativa e realista. No entanto, defendem que a mesma deveria abordar certas temáticas de forma mais profunda. Assim, na prática, os entrevistados sugerem que professores, profissionais de saúde, animadores socioculturais, assistentes sociais e polícias podem servir-se da série para intervir com jovens. Os profissionais de saúde podem utilizá-la através da exposição de excertos em ações de sensibilização e recomendar a sua visualização em recursos úteis. Em meio escolar, os professores podem igualmente recomendar a série, mas também transmitir certos episódios ou excerto nas suas disciplinas (incluindo o projeto ESA) ou solicitar aos alunos que o façam como trabalho de casa. Após isto, poderiam ser criadas atividades grupais tendo por base a série, nomeadamente discussões, debates, peças de teatro ou trabalhos escritos. Ademais, a *Sex Education* poderia servir como um estímulo para iniciar a introdução dos temas e posteriormente explorá-los de forma mais minuciosa. Como esta produção não abarca todas as temáticas inerentes à sexualidade, seria também relevante que os professores explorassem os assuntos não abrangidos pela mesma. Isto vai ao encontro da visão de especialistas que defendem que:

“os programas de ES bem-sucedidos são aqueles que (...) para além da informação, utilizam atividades que promovem um papel ativo dos jovens através de jogos, dramatizações e debates, que exploram valores, atitudes e normas sociais, que estimulam os alunos a assumir responsabilidade pelo seu comportamento, que abordam as influências dos meios de comunicação e dos pares no comportamento sexual e que promovem competências inerentes à educação global de qualquer cidadão”. (Dias & Matos, 2013, p.53)

Deste modo, é possível perceber-se o potencial da série *Sex Education* para a transmissão de conteúdos e a normalização da temática da sexualidade, havendo mesmo quem já tenha recorrido a esta para intervir com alunos (e.g. Santos & Almeida, 2022). Assim, por os estudantes declararem ver séries e filmes relacionados com a sexualidade e até levarem dúvidas e curiosidades sobre os mesmos para as aulas (C. L. Silva et al., 2022), torna-se importante que profissionais, em especial professores, adotem novas estratégias baseadas nos meios de comunicação como forma de chegarem aos jovens, pois como referiram, estas são formas dinâmicas e lúdicas de aprenderem, o que torna o processo de ensino-aprendizagem mais rico e interessante. Por fim, os resultados do presente estudo então de acordo com os anteriormente

encontrados ao verificarmos que a ES no contexto escolar permanece enraizada numa vertente biológica e de risco da sexualidade, desvalorizando as opiniões e necessidades dos jovens (e.g. Leite, 2020; Rocha, 2009; Rocha & Duarte, 2015). Ademais, vários estudos já vinham ressaltando também a capacidade da *Sex Education* como um ótimo meio para os jovens adquirirem conhecimentos sobre sexualidade, devido aos seus conteúdos educativos e realistas (e.g. Dudek et al., 2022; Lopes et al., 2019; Santos et al., 2020). Cabe ainda lembrar que a ES não se prende apenas com a transmissão de informação, mas também com o rever tabus, refletir e debater de forma a que os mais novos possam formar as suas próprias opiniões (Maia & Ribeiro, 2011) e que a escola “não é só o lugar das aprendizagens instrumentais de tipo académico, mas também das aprendizagens para a vida” (Sánchez, 2005, p.38).

No entanto, abre-se o debate sobre qual o modelo mais adequado para realizar ES. Embora neste trabalho tenhamos abordado quatro modelos postulados por Sánchez (2005), parece-nos que o modelo biográfico e profissional é o mais aceite pela comunidade científica. Segundo ela, a ES vai além da reprodução, dos riscos e das doenças, devendo tratar igualmente os aspetos positivos da sexualidade, como os relacionamentos baseados no respeito mútuo, a igualdade e o amor e contribuir para uma sociedade justa e compassiva (UNESCO, 2019). Para os teóricos, a sexualidade tem de ser vista de uma perspetiva holística e ser encarada como uma fonte de satisfação, de prazer e como um potencial humano (WHO/BZgA, 2010). Ora daqui depreendemos que o modelo moral, o modelo de riscos e o modelo revolucionário ficam aquém desta visão, uma vez não admitirem diferentes biografias sexuais e não promoveram a tolerância (Sánchez; 2005). Ademais, os dois primeiros limitam-se a abordar tópicos relacionados com a reprodução, a castidade e o combate aos riscos sexuais, não encarando a sexualidade como uma vertente positiva e um potencial humano. Assim, cabe ressaltar que os jovens são a nossa maior fonte de informação quanto à avaliação e ao futuro da ES que lhes é fornecida. Ou seja, vários estudos (e.g. Dias & Matos, 2013; Leite, 2020; Rocha, 2009; Rocha & Duarte, 2015) têm relatado a visão dos jovens acerca da ES, onde é unânime que a educação atual não está de acordo com a perspetiva que têm da sexualidade nem com as suas necessidades de conhecimento e curiosidade. Por isso, apelam a uma abordagem diferente, que deixe de parte os preconceitos e encare a sexualidade de forma natural, contribuindo para que o tema seja normalizado e se abra o debate em torno destas questões, pois todos os indivíduos nascem como seres sexuais e desenvolvem o seu potencial sexual de uma forma ou de outra (WHO/BZgA, 2010). Deste

modo, o modelo biográfico e profissional parece o que melhor se enquadra na perspectiva dos jovens e dos profissionais, uma vez reger-se por princípios como a tolerância e a diversidade. Ademais, ele tem como objetivo o bem-estar dos indivíduos e capacita-os para que organizem as suas vidas sexuais da maneira que lhes for mais confortável e a vivam de forma saudável (Sánchez em 2005).

### **Limitações do estudo e sugestões para futuras investigações**

Tal como todas as investigações possuem as suas limitações, esta também não ficou isenta das mesmas. Deste modo, a primeira limitação encontrada foi a dificuldade na seleção de participantes, o que não nos permitiu realizar um maior número de entrevistas, tanto com profissionais como com jovens. Em segundo lugar, por a *Sex Education* ter neste momento três temporadas e a sua estreia ter ocorrido em 2019, alguns participantes revelaram alguma dificuldade em se lembrar de todas as temporadas, tendo alguns feito referência a cenas de outras séries que acreditavam ser da produção em estudo. Por último, dado as entrevistas com os jovens terem ocorrido via *Zoom*, por vezes ocorreram entraves e dificuldades na perceção das suas falas aquando da transcrição das entrevistas.

No que toca a futuras investigações, seria interessante o estudo das representações de pais sobre a série *Sex Education*, assim como da perceção dos mesmos acerca do impacto desta nos jovens. Também seria curioso a criação de um programa de ES onde pudessem ser utilizados como estímulo episódios ou excertos das três temporadas da série. Ademais, os investigadores poderiam também investigar que temáticas são referidas na série e se estas são abordadas na ES realizada no contexto escolar português. Por fim, sugeríamos igualmente a realização de um estudo sobre a *Sex Education* onde a recolha de dados se prendesse com entrevistas em grupo, uma vez não nos ter sido possível seguir essa via. Isto permitira termos acesso, num único momento e local, à partilha de informações entre os participantes sendo interessante ver nascer o debate entre as suas diferentes perspetivas sobre os temas em estudo.

Apesar das limitações apresentadas, cremos que esta investigação trás novos contornos interessantes sobre a série *Sex Education* e o seu contributo na prática da ES. Finalizando, como já advogado por Sánchez em 2005 (p. 218), há 17 anos!, “acabou o tempo de pressionar, catequizar, doutrinar as pessoas para que tenham uma determinada vida sexual”. Na minha opinião, é mais do que tempo de encararmos a sexualidade com um tom sério e deixar de parte

a falta de seriedade com que muitas vezes é abordada. É mais do que tempo de darmos ouvidos aos jovens de forma a percebermos as suas inquietudes, necessidades não satisfeitas, curiosidades, dúvidas e, de facto, pôr em prática o currículo de ES que se encontra estipulado por lei, mostrando que a sociedade em geral e a comunidade escolar, em particular, estão verdadeiramente interessadas em contribuir para a vivência segura, responsável, prazerosa e positiva da sexualidade por parte destes jovens, que serão o nosso amanhã.

## REFERÊNCIAS

- APF. (2021a). *Sexualidade*. <http://www.apf.pt/sexualidade>
- APF. (2021b). *Sexualidade: Etapas do desenvolvimento sexual*. <http://www.apf.pt/sexualidade/etapas-do-desenvolvimento-sexual>
- Arabi-Mianrood, H., Hamzehgardeshi, Z., Khoori, E., Moosazadeh, M., & Shahhosseini, Z. (2017). Influencing factors on high-risk sexual behaviors in young people: An ecological perspective. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 31(2). <https://doi.org/10.1515/ijamh-2016-0162>
- Bandura, A., Azzi, R. G., & Polydoro, S. (2008). *Teoria social cognitiva: Conceitos básicos*. Artmed.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto editora.
- Boislard, M., Boisvert, S., Millette, M., Dion, L., & Lavigne, J. (2022). Representations of sexually inexperienced emerging adults in fictional television series and movies. *Sexuality & Culture*, 26(3), 1031-1059. <https://doi.org/10.1007/s12119-021-09930-w>
- Bréda, M. (2020). *Séries télévisées et sexualité: les séries, un outil pédagogique à l'éducation à la vie relationnelle, affective et sexuelle. Analyse de la série Sex Education et du Petit Manuel Sex Education*. [Master's thesis, Université Catholique de Louvain] DIAL.mem. <http://hdl.handle.net/2078.1/thesis:25926>



- BZgA/IPPF (2018). *Sexuality education in Europe and central Asia*. Cologne: BZgA/IPPF.  
[https://oegf.at/wp-content/uploads/2021/09/BZgA\\_Comprehensive-Country-Report\\_online\\_EN.pdf](https://oegf.at/wp-content/uploads/2021/09/BZgA_Comprehensive-Country-Report_online_EN.pdf)
- Cardoso, M. R., Oliveira, G. S., & Ghelli, K. G. (2021). Análise de conteúdo: Uma metodologia de pesquisa qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, 20(43), 92-111.  
<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>
- Chassiakos, Y. R., Radesky, J., Christakis, D., Moreno, M. A., Cross, C., & Council on Communications and Media (2016). Children and Adolescents and Digital Media. *Pediatrics*, 138(5). <https://doi.org/10.1542/peds.2016-2593>
- Cohen, J. (2001). Defining identification: A theoretical look at the identification of audiences with media characters. *Mass communication & society*, 4(3), 245-264.  
[https://doi.org/10.1207/S15327825MCS0403\\_01](https://doi.org/10.1207/S15327825MCS0403_01)
- Coyne, S. M., Ward, L. M., Kroff, S. L., Davis, E. J., Holmgren, H. G., Jensen, A. C., Erickson, S. E., & Essig, L. W. (2019). Contributions of mainstream sexual media exposure to sexual attitudes, perceived peer norms, and sexual behavior: A meta-analysis. *Journal of Adolescent Health*, 64(4), 430-436. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2018.11.016>
- Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2018) *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (5ª ed.). Sage.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2018). *The sage handbook of qualitative research* (5ª ed.). Sage.
- Diário da República (2010). Portaria n.º 196-a/2010, 9 Abril. <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/196-a-2010-388625>
- Diário da República (2009). Lei n.º60/2009, 6 Agosto. <https://files.dre.pt/1s/2010/04/06901/0000200004.pdf>
- Dias, S., & Matos, M. G. (2013). Educação sexual em meio escolar: percepção dos alunos. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 4(2), 51-71.  
<https://doi.org/10.34628/sp4s-0f47>

- Dudek, D., Woodley, G., & Green, L. (2022). 'Own your narrative': teenagers as producers and consumers of porn in Netflix's Sex Education. *Information, Communication & Society*, 25(4), 502-515. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2021.1988130>
- European Expert Group on Sexuality Education. (2016). Sexuality education - what is it?. *Sex Education*, 16(4), 427-431. <https://doi.org/10.1080/14681811.2015.1100599>
- Gardner, E. A. (2015). Abstinence-only sex education: College students' evaluations and responses. *American Journal of Sexuality Education*, 10(2), 125-139. <https://doi.org/10.1080/15546128.2015.1015760>
- Flores, D., & Barroso, J. (2017). 21st Century parent-child sex communication in the United States: A process review. *The Journal of Sex Research*, 54(4-5), 532-548. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1267693>
- Gilliam, M., Jagoda, P., Heathcock, S., Orzalli, S., Saper, C., Dudley, J., & Wilson, C. (2016). LifeChanger: A pilot study of a game-based curriculum for sexuality education. *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology*, 29(2), 148-153. <https://doi.org/10.1016/j.jpag.2015.09.008>
- Gil-Quintana, J., & Gil-Tévar, S. (2020). Series de ficción como medio de coeducación para adolescentes. Estudio de caso: Las del Hockey. *Fonseca, Journal of Communication*, (21), 65-86. <https://doi.org/10.14201/fjc2020216586>
- Gonçalves, R. C., Faleiro, J. H., & Malafaia, G. (2013). Educação sexual no contexto familiar e escolar: Impasses e desafios. *Holos*, 5, 251-263. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481548607021>
- Goodyear, V. A., & Armour, K. M. (2019). *Young people, social media and health*. Routledge.
- Grasso, K. L., & Trumbull, L. A. (2021). "Hey, have you been tested?" The influence of Comprehensive or Abstinence-Only Sexuality Education on safer sex communication and behavior. *American Journal of Sexuality Education*, 16(2), 257-281. <https://doi.org/10.1080/15546128.2021.1880512>

- Gray, L. M., Wong-Wylie, G., Rempel, G. R., & Cook, K. (2020). Expanding qualitative research interviewing strategies: Zoom video communications. *The Qualitative Report*, 25(5), 1292-1301. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2020.4212>
- Grossman, J. M., Lynch, A. D., DeSouza, L. M., & Richer, A. M. (2021). Resources for teens' health: Talk with parents and extended family about sex. *Journal of Child and Family Studies*, 30(2), 338-349. <https://doi.org/10.1007/s10826-020-01896-x>
- GTES. (2007). *Relatório Final*. [http://www.apf.pt/sites/default/files/media/2015/relatorio\\_final\\_gtes.pdf](http://www.apf.pt/sites/default/files/media/2015/relatorio_final_gtes.pdf)
- Guse, K., Levine, D., Martins, S., Lira, A., Gaarde, J., Westmorland, W., & Gilliam, M. (2012). Interventions using new digital media to improve adolescent sexual health: A systematic review. *Journal of Adolescent Health*, 51(6), 535-543. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.03.014>
- IPPF. (2006). *A reference guide to policies and practices sexualitu education*. IPPF European Network
- Jensen, B. B. (1997). A case of two paradigms within health education. *Health Education Research*, 12(4), 419-428. <https://doi.org/10.1093/her/12.4.419>
- Jones, K., Williams, J., Sipsma, H., & Patil, C. (2019). Adolescent and emerging adults' evaluation of a Facebook site providing sexual health education. *Public Health Nursing*, 36(1), 11-17. <https://doi.org/10.1111/phn.12555>
- Ketting, E., & Winkelmann, C. (2013). New approaches to sexuality education and underlying paradigms. *Bundesgesundheitsblatt, Gesundheitsforschung, Gesundheitsschutz*, 56(2), 250-255. <https://doi.org/10.1007/s00103-012-1599-8>
- Ketting, E., Friele, M., & Michielsen, K. (2016). Evaluation of holistic sexuality education: A European expert group consensus agreement. *The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care*, 21(1), 68-80. <https://doi.org/10.3109/13625187.2015.1050715>

- Landry, M., Turner, M., Vyas, A., & Wood, S. (2017). Social media and sexual behavior among adolescents: Is there a link?. *JMIR Public Health and Surveillance*, 3(2). <https://doi.org/10.2196/publichealth.7149>
- Leite, R. M. (2020). *A importância da educação sexual na construção dos conceitos de amor e sexualidade: um estudo com jovens adultos* [Master's thesis, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/129705>
- Loeber, O., Reuter, S., Apter, D., van der Doef, S., Lazdane, G., & Pinter, B. (2010). Aspects of sexuality education in Europe - definitions, differences and developments. *The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care*, 15(3), 169-176. <https://doi.org/10.3109/13625181003797280>
- Lopes, D. S., Franco, L. S., & Alves, L. R. (2019, Agosto 26-27). *Descomplicando o Vocabulário: Contribuições para o diálogo entre educação e saúde a partir da série Sex Education*. [Paper presentation]. STAES'19 Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde, Brasil. <https://www.revistas.uneb.br/index.php/staes/article/view/8211>
- Maia, A. C., & Ribeiro, P. R. (2011). Educação sexual: Princípios para ação. *Doxa*, 15(1), 75-84.
- Maio, G. R., Haddock, G., & Verplanken, B. (2019). *The psychology of attitudes & attitude change* (2ª ed.). Sage.
- Manchini, I., Jacinto, J. C., & Desidério, R. (2020). A sexualidade silenciada no ambiente escolar e as contribuições da série Sex Education. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 24(3) 1780-1792. <https://doi.org/10.22633/rpge.v24iesp3.14276>
- Marques, S. S., Lin, J. S., Starling, M. S., Daquiz, A. G., Goldfarb, E. S., Garcia, K. C., & Constantine, N. A. (2015). Sexuality education websites for adolescents: A framework-based content analysis. *Journal of Health Communication*, 20(11), 1310-1319. <https://doi.org/10.1080/10810730.2015.1018621>

- Masanet, M. J., & Buckingham, D. (2015). Advice on life? Online fan forums as a space for peer-to-peer sex and relationships education. *Sex Education, 15*(5), 486-499. <https://doi.org/10.1080/14681811.2014.934444>
- Matos, M. G., Reis, M., Ramiro, L., Ribeiro, J. P., & Leal, I. (2014). Educação sexual em Portugal: Legislação e avaliação da implementação nas escolas. *Psicologia, Saúde e doenças, 15*(2), 335-355. <http://dx.doi.org/10.15309/14psd150203>
- McKee, A. (2012). The importance of entertainment for sexuality education. *Sex Education, 12*(5), 499-509. <https://doi.org/10.1080/14681811.2011.627727>
- Meira, G. M. (2020). Educação sexual e mudanças sociais na página *Quebrando o tabu* e na série *Sex education*. *Revista Philologus, 26*(76), 263-281. <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/486>
- Naser, S. C., Clonan-Roy, K., Fuller, K. A., Goncy, E. A., & Wolf, N. (2022). Exploring the experiences and responses of LGBTQ+ adolescents to school-based sexuality education. *Psychology in the Schools, 59*(1), 34-50. <https://doi.org/10.1002/pits.22471>
- Neustifter, R., Blumer, M. L., O'Reilly, J., & Ramirez, F. (2015). Use of sexuality-focused entertainment media in sex education. *Sex Education, 15*(5), 540-552. <https://doi.org/10.1080/14681811.2015.1050089>
- Nikkelen, S. W., Oosten, J. M., & Borne, M. M. (2020). Sexuality education in the digital era: Intrinsic and extrinsic predictors of online sexual information seeking among youth. *The Journal of Sex Research, 57*(2), 189-199. <https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1612830>
- Pereira, V. R. P., Sousa, J. C., & Meira, G. M. (2020). Discursos conservadores e identidades na série “Sex education”. *Revista Philologus, 26*(78), 1456-1469. <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/312>
- Prinstein, M. J., Nesi, J., & Telzer, E. H. (2020). Commentary: An updated agenda for the study of digital media use and adolescent development - future directions following Odgers & Jensen (2020). *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 61*(3), 349-352. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13219>

- Ramiro, L., Reis, M., Matos, M. G., Diniz, J. A., & Simões, C. (2011). Educação sexual, conhecimentos, crenças, atitudes e comportamentos nos adolescentes. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 29(1), 11-21. [https://doi.org/10.1016/S0870-9025\(11\)70003-7](https://doi.org/10.1016/S0870-9025(11)70003-7)
- Rocha, A. C. (2009). *À descoberta da sexualidade: Uma perspectiva crítica a partir do discurso dos principais agentes* [Master's thesis, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/105323>
- Rocha, A. C. (2015). *Educação sexual no contexto escolar português: caracterização, facilitadores e barreiras à sua implementação* [Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto]. Repositório aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/104145>
- Rocha, A. C., & Duarte, C. (2011). Conversas em família sobre sexualidade adolescente. In P. M. Matos, C. Duarte, & M. E. Costa (Eds.), *Famílias: questões de desenvolvimento e intervenção* (pp. 59-80). LivPsic.
- Rocha, A. C., & Duarte, C. (2015). Sexuality education in a representative sample of Portuguese schools: Examining the impact of legislation. *The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care*, 20(1), 47-56. <https://doi.org/10.3109/13625187.2014.951996>
- Rocha, A. C., Leal, C., & Duarte, C. (2016). School-based sexuality education in Portugal: Strengths and weaknesses. *Sex education*, 16(2), 172-183. <http://dx.doi.org/10.1080/14681811.2015.1087839>
- Rocha, A. C., Silva, M., & Duarte, C. (2021). How is sexuality education for adolescents evaluated? A systematic review based on the Context, Input, Process and Product (CIPP) model. *Sex Education*, 22(2), 198-216. <https://doi.org/10.1080/14681811.2021.1908984>
- Rodenhizer, K. A. E., & Edwards, K. M. (2019). The impacts of sexual media exposure on adolescent and emerging adults' dating and sexual violence attitudes and behaviors: A

- critical review of the literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 20(4), 439-452. <https://doi.org/10.1177/1524838017717745>
- Rosa, C. E., Zanette, J. E., & Felipe, J. (2021). Da série “Sex Education” aos desafios contemporâneos de uma educação para a sexualidade. *TEXTURA-Revista de Educação e Letras*, 23(53), 238-259. <https://doi.org/10.29327/227811.23.53-12>
- Sánchez, F. L. (2005). *La educación sexual*. Biblioteca nueva.
- Santos, L. G., Santos, A. L., & Miranda, J. R. (2020, Outubro 15-17). *Sex Education: Um análise sobre a importância da mídia para a educação sexual* [Paper presentation]. Conedu: VII Congresso Nacional de Educação, Brasil. [http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD1\\_SA7\\_ID696\\_07072020162649.pdf](http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA7_ID696_07072020162649.pdf)
- Santos, M. S., & Almeida, P. B. (2022). Educação sexual na aula de Espanhol: Uma proposta de ensino através da primeira temporada da série Sex Education. *Revista Humanidades e Inovação*, 9(8), 10-20. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4008>
- Santos, M. S., & Almeida, P. B. (2022). Educação sexual na aula de espanhol: Uma proposta de ensino através da primeira temporada da série Sex Education. *Revista Humanidades e Inovação*, 9(8), 10-20. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4008>
- Schmidt, B., Palazzi, A., & Piccinini, C. A. (2020). Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 8(4), 960-966. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=497966365017>
- Scull, T. M., Kupersmidt, J. B., Malik, C. V., & Morgan-Lopez, A. A. (2018). Using media literacy education for adolescent sexual health promotion in middle school: Randomized control trial of *Media Aware*. *Journal of Health Communication*, 23(12), 1051-1063. <https://doi.org/10.1080/10810730.2018.1548669>
- Silva, C. L., Jesus, C. A., Silva, J. M., Vidal, M. C., Matos, R. F., & Provasi, A. G. (2022). A educação sexual no contexto do ensino remoto: Um estudo com professores. *Revista*

*Brasileira de Sexualidade Humana*, 33, 1-9. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v33.1044>

Silva, C. L., Jesus, C. A., Silva, J. M., Vidal, M. C., Matos, R. F., & Provasi, A. G. (2022). A educação sexual no contexto do ensino remoto: Um estudo com professores. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 33, 1-9. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v33.1044>

Silva, L. F., & Russo, R. F. (2019). Aplicação de entrevistas em pesquisa qualitativa. *Revista de Gestão e Projetos*, 10(1), 1-6. <https://doi.org/10.5585/GeP.v10i1.13285>

Silva, P. H., Silva, V. O., & Satler, L. L. (2020, Dezembro 1-10). *Estudos Culturais e Teoria Queer em narrativas seriadas: análise etnográfica da série Sex Education* [Paper presentation]. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasil. <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0909-1.pdf>

Silva, R. A., Henrique, J. S., & Silva, J. G. (2020, Agosto 24-28). *O potencial da série Sex Education na constituição do diálogo entre educação e mídias digitais* [Paper presentation]. Congresso Internacional de Educação e Tecnologias/Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância, Brasil. <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1393>

Simon, L., & Daneback, K. (2013). Adolescents' use of the internet for sex education: A thematic and critical review of the literature. *International Journal of Sexual Health*, 25(4), 305-319. <https://doi.org/10.1080/19317611.2013.823899>

Smith, L. W., Liu, B., Degenhardt, L., Richters, J., Patton, G., Wand, H., Cross, D., Hocking, J. S., Skinner, S. R., Cooper, S., Lumby, C., Kaldor, J. M., & Guy, R. (2016). Is sexual content in new media linked to sexual risk behaviour in young people? A systematic review and meta-analysis. *Sexual Health*, 13(6), 501-515. <https://doi.org/10.1071/SH16037>.

Strasburger, V. C. (2012). Adolescents, sex, and the media. *Adolescent Medicine*, 23(1), 15-33. <https://www.researchgate.net/publication/228329161>



- Teis, D. T., & Teis, M. A. (2006). A abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, 1, 1-8. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/teis-denize-abordagem-qualitativa.pdf>
- Todaro, E., Silvaggi, M., Aversa, F., Rossi, V., Nimbi, F. M., Rossi, R., & Simonelli, C. (2018). Are Social Media a problem or a tool? New strategies for sexual education. *Sexologies*, 27(3), e67-e70. <https://doi.org/10.1016/j.sexol.2018.05.006>
- Tomić, I., Burić, J., & Štulhofer, A. (2018). Associations between Croatian adolescents' use of sexually explicit material and sexual behavior: Does parental monitoring play a role?. *Archives of Sexual Behavior*, 47(6), 1881-1893. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-1097-z>
- UNESCO (2019). *Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: Uma abordagem baseada em evidências*. (2ª ed.). UNESCO. <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/369308por.pdf>
- UNESCO (2020). *Evidências emergentes, lições e práticas da educação integral em sexualidade: Revisão global*. UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000378187>
- Vannucci, A., Simpson, E. G., Gagnon, S., & Ohannessian, C. M. (2020). Social media use and risky behaviors in adolescents: A meta-analysis. *Journal of Adolescence*, 79, 258-274. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2020.01.014>
- WHO. (1985). *Targets for health for all 2000*. (2nd ed.). WHO. Regional Office for Europe. [https://www.euro.who.int/\\_\\_data/assets/pdf\\_file/0006/109779/WA\\_540\\_GA1\\_85TA.pdf](https://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0006/109779/WA_540_GA1_85TA.pdf)
- WHO. (2014). *Health for the World's Adolescents: A second chance in the second decade: Summary*. WHO. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/112750>
- WHO/BZgA. (2010). *Standards for sexuality education in Europe: A framework for policy makers, educational and health authorities and specialists*. Cologne: WHO/BZgA.

<https://www.icmec.org/wp-content/uploads/2016/06/WHOStandards-for-Sexuality-Education-in-Europe.pdf>

## ANEXOS

### Anexo 1 – Guião da entrevista com jovens

#### *Introdução*

Antes de mais queria agradecer a tua disponibilidade para a realização desta entrevista. Hoje estou aqui contigo para falarmos um pouco sobre a ES, a série *Sex Education* e o impacto desta nos jovens.

#### **Expetativas e experiências sobre a série**

- 1. O que te fez ver a série *Sex Education*?**
  - Porque decidiste ver esta série?
- 2. Antes de a começares a ver, quais eram as tuas expetativas relativamente à série?**
  - Quando decidiste ver a série estavas à espera que ela abordasse o quê?
    - a. A série correspondeu às tuas expetativas? Porquê?
- 3. No geral, o que achaste da série? Porquê?**
  - Gostaste da série? Porquê?
- 4. Achas que a série desconstrói crenças ou mitos relacionados com a sexualidade e relações sexuais?**
  - Achas que a série desmente falsas informações acerca da sexualidade e relações sexuais?
    - a. **Se sim**, quais? E de que forma?
- 5. Identificaste-te com algum personagem ou situação ilustrada na série?**
  - a. **Se sim**, queres partilhar qual? Porque te identificaste?
- 6. Tens alguma crítica a fazer em relação à série? Algum conteúdo que não gostasses?**
  - a. **Se sim**, qual/quais? Porquê?
- 7. Se te fosse possível introduzir outros temas ou conteúdos numa próxima temporada da série o que introduzias? Porquê?**

#### **Sexualidade e Educação Sexual**

- 8. O que é para ti a ES?**
  - Quando ouves a expressão ES o que te vem à cabeça?
- 9. O que é para ti a sexualidade?**
  - O que surge na tua cabeça quando ouves a palavra sexualidade?
  - Achas que a sexualidade engloba o quê?

**10. A série ajudou-te a falar mais abertamente sobre sexualidade? Porquê?**

- A série fez com que falasses sobre o tema da sexualidade de forma mais confiante, ou seja, sem vergonha ou embaraço?

**11. Achas que a série incentiva a comunicação entre jovens e pais sobre o tema da sexualidade e relações sexuais? Porquê?**

a. **Falaste com os teus pais ou cuidadores sobre esta série? Porquê?**

a. **Se sim**, sobre que assuntos falaste?

**12. A série mostrou formas de viver a sexualidade que para ti eram desconhecidas?**

- A série exemplificou formas de viver a sexualidade nas quais tu nunca tinhas pensado?

a. **Se sim**, quais?

**13. Achas que a visualização da série contribui para a vivência da sexualidade de forma mais segura? Porquê?**

- Achas que quem vê a série terá comportamentos mais seguros no que toca à sexualidade? Porquê?

- Por exemplo, achas que quem vê a série terá mais atenção ao uso de contraceptivos nas relações sexuais? Porquê?

- Por exemplo, achas que quem vê a série será mais cuidadoso no que toca à transmissão de doenças sexualmente transmissíveis? Porquê?

## **Relações**

**14. A série fez-te refletir sobre as tuas relações?**

- A série fez com que pensasses nas relações que tens com os teus amigos ou namorados/as?

a. **Se sim**, em que sentido?

**15. A série ajudou-te de alguma forma nas tuas relações íntimas ou românticas?**

- A série deu algum contributo útil para as tuas relações de namoro?

a. **Se sim**, como?

## **Novos conhecimentos, pesquisas e aprendizagens**

**16. Qual a tua opinião sobre os jovens utilizarem os *media* para adquirirem conhecimentos sobre sexualidade? Porquê?**

**17. Achas a série um bom método para a aprendizagem de aspetos relacionados com a sexualidade? Porquê?**

- Achas que através da série é possível aprendermos sobre temas como relações sexuais ou métodos contraceptivos, por exemplo?

- Achas que através da série é possível aprendermos sobre identidade de género e diferentes orientações sexuais, por exemplo?

**18. Achas que aprendeste algo de novo com a série? Se sim, o quê?**

- Se te perguntasse qual foi a grande aprendizagem realizada através da série, o que dirias? Porquê essa?

a. **Através da visualização da série ficaste esclarecido(a) sobre alguma dúvida que tinhas relativamente à sexualidade e relações sexuais?**

a. **Se sim**, queres partilhar qual era a dúvida?

- o **Se sim**, nas aulas de ES abordaste esse assunto? **Se sim**, porque não tiraste a dúvida nessa altura?

**19. A série fez com que fosses investigar ou pesquisar algum assunto?**

a. **Se sim**, que tema foste investigar? Que meio utilizaste para fazer a pesquisa?

**20. Há alguma perspetiva dada pela série sobre certo tema da qual discordes?**

a. **Se sim**, qual o tema? E qual é a tua perspetiva sobre esse tema?

b. **A série fez com que te questionasses sobre certos assuntos ou temas?**

a. **Se sim**, quais?

- Após a visualização da série começaste a ver certos assuntos ou temas de uma perspetiva diferente?

b. **Se sim**, que assuntos ou temas? Como os vias antes e como os passaste a ver?

**Utilização da série como recurso na ES**

**21. Achas que esta série seria útil na intervenção com jovens sobre o tema da sexualidade? Porquê?**

a. **Que profissionais achas que poderiam recorrer a esta série para intervir com jovens? De que forma?**

**22. Achas que poderíamos utilizar a série *Sex Education* como recurso para a ES nas escolas?**

- Achas que os professores podiam usar esta série nas aulas de ES?

a. **Se sim**, de que forma?

b. **Se não**, porquê?

*Muito obrigada pela tua disponibilidade e colaboração.*

## **Anexo 2 – Guião da entrevista com profissionais**

### *Introdução*

Antes de mais queria agradecer a sua disponibilidade para a realização desta entrevista. Hoje estou aqui consigo para falarmos um pouco sobre educação sexual, a série *Sex Education* e o impacto desta nos jovens.

### **Expectativas e experiências sobre a série**

**1. O que a fez ver a série *Sex Education*?**

- Porque decidiu ver esta série?

**2. Antes de a começar a ver, quais eram as suas expetativas relativamente à série?**

- Quando decidiu ver a série estava à espera que esta abordasse o quê?

**a. A série correspondeu às suas expetativas?**

**Porquê?**

**3. No geral, o que achou da série?**

**Porquê?**

- Gostou da série? Porquê?

**4. Acha que a série desconstrói crenças ou mitos relacionados com a sexualidade e relações sexuais?**

- Acha que a série desmente falsas informações acerca da sexualidade e relações sexuais?

**a. Se sim, quais? E de que forma?**

**5. Tem alguma crítica a fazer em relação à série?**

**a. Se sim, qual/quais? Porquê?**

**b. Se não, porquê?**

**6. Se lhe fosse possível introduzir outros temas ou conteúdos numa próxima temporada da série o que introduzia?**

**Porquê?**

### **Sexualidade e Educação Sexual**

**7. O que é para si a sexualidade?**

**8. O que é para si a ES?**

## **Impacto da série nos jovens**

**9. Qual a sua opinião sobre os jovens utilizarem os *media* como forma de adquirirem conhecimentos sobre a sexualidade?**

**Porquê?**

**10. Acha que é possível para os jovens, através da série, adquirirem novos conhecimentos acerca da sexualidade?**

a. **Se sim**, quais? E como? Dê exemplos.

b. **Se sim**, acha a série *Sex Education* um bom método para aquisição desses novos conhecimentos? Porquê?

c. **Se não**, porquê?

**11. Através da visualização da série acha possível para os jovens esclarecerem dúvidas relativamente à sexualidade?**

**Porquê?**

**12. Acha que a série ajuda os jovens a falarem mais abertamente sobre sexualidade?**

**Porquê?**

- Acha que a série faz com que os jovens falem sobre o tema da sexualidade de forma mais confiante, ou seja, sem vergonha ou embaraço? Porquê?

**13. Acha que a visualização da série contribui para que os jovens vivam a sexualidade de forma mais segura?**

**Porquê?**

**14. Com a visualização da série, acha que os jovens desenvolvem competências para as relações?**

a. **Se sim**, quais? Como? Dê exemplos

b. **Se não**, porquê?

**15. Acha que a série incentiva a comunicação entre jovens e pais sobre o tema da sexualidade e relações sexuais?**

**Porquê?**

## **Utilização da série na prática profissional com jovens**

**16. Como profissional, recomendaria a visualização da série *Sex Education* aos jovens?**

**Porquê?**



**17. A informação veiculada pela série contrariou, em algum momento, a informação que fornece aos jovens?**

a. **Se sim**, que informações se contradisseram?

**18. Houve algum tema/assunto mencionado na série sobre o qual não costuma comunicar na sua vida profissional com os jovens?**

a. **Se sim**, qual? E porque não o aborda com os jovens?

**19. Acha que esta série é útil na intervenção com jovens?**

**Porquê?**

**20. Utilizou a série na sua prática enquanto profissional?**

a. **Se sim**, como? Foi útil?

b. **Se não**, imagina-se a recorrer a esta série para intervir com jovens?

1. **Se sim**, de que forma?

2. **Se não**, porquê?

**21. Que profissionais acha que poderiam recorrer a esta série para intervir com jovens?**

**De que forma?**

**Utilização da série como recurso na ES**

**22. Acha que poderíamos utilizar a série *Sex Education* como recurso para a ES nas escolas?**

- Acha que os professores podiam usar esta série nas aulas de ES?

a. **Se sim**, de que forma?

b. **Se não**, porquê?

(Para finalizar)

**23. Há algum assunto sobre o qual não tenhamos falado e ache importante abordar?**

*Muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração.*

### **Anexo 3 – Consentimento para participação em investigação**

#### **Consentimento para participação em investigação**

Exmo(a). encarregado(a) de educação, venho por este meio solicitar a sua autorização para a participação do(a) seu(sua) educando(a) numa investigação que tem como objetivo estudar as perceções de jovens e profissionais sobre o impacto da série *Sex Education* e explorar as sugestões que apresentam para usar a série como um recurso na Educação Sexual. Nesta investigação, irão participar vários jovens através de entrevistas realizadas *online*, sendo garantido total anonimato relativamente às suas identidades.

- Sim**, autorizo a participação do(a) meu(minha) educando(a) na investigação
- Não** autorizo a participação do(a) meu(minha) educando(a) na investigação

**Assinatura:**

---